



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

ODILENE SILVA DO NASCIMENTO ALMEIDA

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DO ESPAÇO NA OBRA *FAZENDO ANA PAZ*, DE LYGIA BOJUNGA

SÃO LUÍS – MA

2021

ODILENE SILVA DO NASCIMENTO ALMEIDA

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DO ESPAÇO NA OBRA *FAZENDO ANA PAZ*, DE LYGIA BOJUNGA

Linha de Pesquisa: Literatura, memória e cultura

Dissertação apresentada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – PPG da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado Acadêmico em Letras.

Orientador(a): Prof.^a Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos

SÃO LUÍS - MA

2021

Almeida, Odilene Silva do Nascimento.

A construção da memória através do espaço na obra Fazendo Ana Paz, de Lygia Bojunga / Odilene Silva do Nascimento Almeida. – São Luís, 2021.

97 f

Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Universidade Estadual do Maranhão, 2021.

Orientador: Profa. Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos.

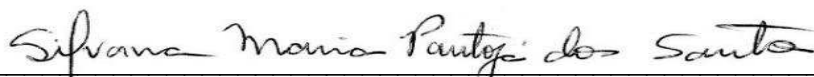
ODILENE SILVA DO NASCIMENTO ALMEIDA

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DO ESPAÇO NA OBRA *FAZENDO ANA PAZ*, DE LYGIA BOJUNGA

Versão final da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, como parte dos requisitos exigidos à obtenção do Título de Mestre em Letras (Área de concentração: Teoria Literária).

Aprovada em: 22/07/2021

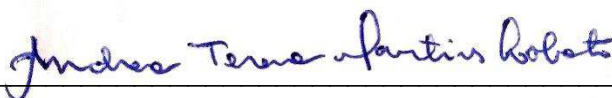
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos (Orientadora)

Doutora em Teoria Literária

Universidade Estadual do Maranhão



Prof.^a Dra. Andrea Teresa Martins Lobato

Doutora em Ciência da Literatura

Universidade Estadual do Maranhão



Prof.^a Dra. Elisabete da Silva Barbosa

Doutora em Literatura e Cultura

Universidade do Estado da Bahia

As fantasias da infância são as memórias transfiguradas pela
saudade.

Rubem Alves

À Lívia, minha razão de viver. Quem me ensina todos os dias a
ser uma pessoa melhor.

AGRADECIMENTOS

É chegada a hora de fechar mais um ciclo. Muitas alegrias, provações, dias bons e outros nos quais o medo tomou conta. Um misto de sensações que irradiam o corpo e a mente, pois, significa que a partir de agora um novo caminho precisa ser trilhado. Está nascendo, também, uma nova profissional e as pessoas que me acompanharam nessa trajetória merecem a minha eterna gratidão.

Em primeiro lugar, Àquele que é o meu guia e amigo protetor. Como és maravilhoso, Deus. Graças a Sua misericórdia tive coragem e forças para continuar. Cada dia vencido foi devido a Sua presença em minha vida.

À minha orientadora, Profa. Dra. Silvana Pantoja, pelas lições, direcionamentos e puxões de orelha. A sua colaboração com a minha pesquisa foi fundamental, pois, nada disso seria possível sem você. Uma pessoa sem igual, prestativa e atenciosa. Sou eternamente grata e lisonjeada por tê-la como orientadora.

À coordenação e aos professores do Mestrado em Letras, pelo suporte e incentivo durante o curso. Cada disciplina realizada oportunizou um olhar mais amadurecido diante da minha pesquisa.

Ao Programa de Cooperação Acadêmica na Amazônia – PROCAD, especificamente, o Prof. Dr. Henrique Borralho (UEMA), Profa. Dra. Márcia Manir (UFMA) e Profa. Dra. Lívia Rocha (UESB), pela oportunidade em realizar o intercâmbio discente, aprendendo e compartilhando o conhecimento acerca da memória. Grata pelo acolhimento e cuidado durante a empreitada.

À Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA, pelo apoio financeiro e Prof. André Santos que sempre atendeu prontamente as minhas demandas.

À Profa. Dra. Andrea Lobato, pela compreensão e paciência. Com quem pude aprender sobre o universo da pesquisa acadêmica durante as disciplinas e estágio supervisionado. Levarei os seus ensinamentos com carinho.

À minha mãe Angelina Maria, meu maior exemplo de superação. Mulher forte, guerreira e carinhosa, que me inspira a lutar todos os dias. Amo-te com todo o meu coração.

Aos meus avós (*in memoriam*) Antônio e Áurea, pela criação, educação e afeto. Fora meus segundos pais, me ensinando que todos os sonhos são possíveis. Descansem na paz do Senhor.

À minha filha, Lívia, por me ensinar a ser forte diante dos momentos de fragilidade. O seu amor transformou a minha vida e me impulsiona a lutar diariamente por um futuro melhor. És o ar que respiro.

À minha irmã, Maria da Penha, pelo suporte e apoio incondicional, com quem pude dividir as experiências da pós-graduação em todos os momentos necessários. Os seus conselhos foram fundamentais.

Ao meu esposo e melhor amigo Jofran Wanderson, pelo amor, carinho e atenção durante todos esses anos. Sou grata por tê-lo ao meu lado em todas as ocasiões, sempre acompanhando e incentivando meus projetos.

À toda a minha família, em especial, Maria da Piedade, Pedro Henrique, Luís Gabriel e Odílio, por me incentivarem a prosseguir na vida acadêmica, desejando que obtivesse êxito. A vocês, meu carinho e consideração.

À minha turma, pelo acolhimento, parceria e amizade. Com quem eu dividi uma das melhores experiências da minha vida, o sonho do mestrado. Vocês foram essenciais na jornada. Dou graças pela vida de cada um e desejo sucesso na caminhada acadêmica. Jamais esquecerei os momentos que vivemos juntos.

Aos amigos, Ítalo, Aila, Joildo, Laercio e Isabela, pelo carinho e auxílio em diversos momentos, estendendo-me a mão quando precisei. Jamais esquecerei o que fizeram por mim. Deus os abençoe sempre.

À Aline, secretária do curso, quem diversas vezes me socorreu nas horas de dúvidas e angústias. Sempre sorridente, atenciosa e solícita.

Aos amigos Alipio e Rosiane, com os quais pude vivenciar a experiência do intercâmbio discente em Vitória da Conquista. Carrego cada lembrança dos nossos momentos de estudos e diálogos. Levo-os no coração.

Ao Prof. Dr. Elizeu Arruda, quem me motivou a participar da seleção de Mestrado, apresentando-me a obra de Lygia Bojunga. Todo o meu carinho, eterno mestre.

Às amigas queridas que me acompanham desde a graduação, Bruna, Franciara e Rayssah. A vossa amizade é essencial em minha vida.

À Juliana, amiga de longas datas, pela consideração e palavras de ânimo em momentos tortuosos. Deus a abençoe.

A todos aqueles que contribuíram para a realização do meu sonho, seja de forma direta ou indireta, com conselhos, livros, ombro amigo, dentre outros. Agradeço-os de coração.

RESUMO

O processo de rememoração é indispensável para a compreensão do sujeito na sua relação com o social. Por sua vez, os espaços de vivências guardam as referências, tanto individuais quanto coletivas e contribuem para a ressignificação das lembranças. Diante disso, a presente pesquisa tem por objetivo analisar o caráter memorialístico através do espaço em *Fazendo Ana Paz*, de Lygia Bojunga. Como objetivos específicos, destacam-se: situar a obra *Fazendo Ana Paz*, de Lygia Bojunga, dentro da crítica literária contemporânea; discutir o processo de rememoração da protagonista Ana Paz, por meio da relação entre o passado e o presente; compreender como os espaços íntimos são desencadeadores de lembranças. Para tanto, parte-se da seguinte problematização: como se dá o processo memorialístico em *Fazendo Ana Paz* e de que modo o espaço contribui para a construção da memória, considerando os principais eixos norteadores de sua estrutura composicional. A obra apresenta um forte teor autobiográfico, expondo as experiências de Ana Paz, protagonista da narrativa, com as sensações despertadas a partir do lugar de origem, a casa primigênia, e das relações mantidas com a família e demais sujeitos integrantes de sua história de vida. O passado e o ressurgimento das lembranças dão o tom para o enredo de Ana Paz, desdobrando as impressões que marcaram a sua infância. Primeiramente, discutem-se aspectos que contemplam a fortuna crítica acerca de Lygia Bojunga, aliado ao caráter contemporâneo de sua obra. Em seguida, propõe-se uma discussão sobre os estudos da memória e o papel do espaço na trama. Por fim, analisa-se a obra a partir do tema proposto. A pesquisa é qualitativa, de cunho bibliográfico e traz como suporte teórico os estudos que se baseiam nas concepções da crítica literária, da perspectiva do contemporâneo, embasadas por Agamben (2009), Schollhammer (2009), Pellegrini (2007), assim como nas teorias da memória fundamentadas na visão de Bergson (1999) e Halbwachs (2006); sobre o espaço, a pesquisa pauta-se em Bachelard (2008) e Brandão (2013), dentre outros estudiosos que dispõem de abordagens significativas para o entendimento da relação entre memória e espaço. Constata-se que, tanto a memória quanto o espaço, participam ativamente do processo de reconhecimento de si por meio das experiências, fato este desdobrado em *Fazendo Ana Paz*, cuja protagonista traça o caminho de volta ao passado, tendo as lembranças, impactos no presente da rememoração.

Palavras-chave: Memória. Espaço. *Fazendo Ana Paz*.

ABSTRACT

The recalling process is essential for one to understand their relationship with society. In turn, the spaces for experiences keep references, both individual and collective, and contribute to the re-signification of memories. Therefore, this dissertation aims to analyze the memorialist appeal through space in *Fazendo Ana Paz*, by Lygia Bojunga. As specific objectives, the following stand out: to place the work *Fazendo Ana Paz* within contemporary literary criticism; to discuss the recalling process of the protagonist Ana Paz, through the connection between the past and the present; to understand how intimate spaces trigger memories. To do so, we start with the following problematization: how the memorialist process takes place in *Fazendo Ana Paz* and how the space contributes to the construction of memory, considering the main guiding axes of its compositional structure. The work has strong autobiographical content, exposing the experiences of Ana Paz, the protagonist of the narrative; who has her sensations awakened because of her place of origin, her primary home, and the relationships maintained with family and other subjects that are part of her life story. The past and the resurgence of memories set the tone for Ana Paz's plot, unfolding the impressions that marked her childhood. First, we discuss aspects that contemplate the critical fortune about Lygia Bojunga, allied to the contemporary character of her work. Then, we propose a discussion about memory studies and the role of space in the plot. Finally, we analyze the work from the proposed theme. The research is qualitative, bibliographical and brings as theoretical support studies that are based on the conceptions of literary criticism. From the contemporary perspective, we based our research on the studies of Agamben (2009), Schollhammer (2009), Pellegrini (2007), as well as on theories of memory based on Bergson (1999) and Halbwachs (2006); about space, we relied on Bachelard (2008) and Brandão (2013), among other scholars who have significant approaches to understanding the connection between memory and space. It established that both memory and space actively participate in the process of self-recognition through experiences, a fact unfolded in *Fazendo Ana Paz*, whose protagonist Ana traces the path back to the past with memories having an impact on the present of recollection.

Keywords: Memory. Space. *Fazendo Ana Paz*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 LYGIA BOJUNGA E A LITERATURA CONTEMPORÂNEA	14
2.1 Lygia Bojunga e a crítica	15
2.2 A tessitura de <i>Fazendo Ana Paz</i> e a literatura contemporânea	23
3 SOBRE A MEMÓRIA EM FAZENDO ANA PAZ	38
3.1 Reflexões sobre memória.....	39
3.2 O passado como firmamento do presente em <i>Fazendo Ana Paz</i>	46
4 ESPAÇOS DESENCADEADORES DE LEMBRANÇAS EM FAZENDO ANA PAZ	58
4.1 Breves considerações sobre o espaço.....	59
4.2 O lugar de origem na tessitura memorialística de <i>Fazendo Ana Paz</i>	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	94

1 INTRODUÇÃO

A memória é dotada de singularidades, comportando um vasto universo de investigação em diferentes áreas do conhecimento. Cada lembrança é permeada por significados e informações adquiridas ao longo da vida, encarregando de fazer ressurgir as vivências, a partir dos impactos do passado. Ainda que se mostre fragmentada, a memória abrange uma cadeia de sentidos que recai sobre a necessidade de entendimento de questões íntimas e reflexão sobre a vida.

O espaço, no que lhe concerne, comporta as experiências, idas e retrocessos no decorrer do tempo. Devido à impossibilidade de reconstruir o passado, o espaço surge como a capacidade de reunir os fragmentos da vida a partir do contato com o ambiente, sendo suscetíveis de revisitação no processo de rememoração.

A presença da memória na narrativa literária denota o quão delicado é o processo que a envolve, formando uma teia de relações entre o eu, a linguagem, o espaço e demais elementos da trama. A memória atua, assim, na constituição da escrita literária, tendo em vista a retomada de ocorrências pregressas das personagens, a partir dos mais variados contextos e situações em que se encontram.

Por meio do espaço, a sensibilidade se faz presente, aguçada a partir de aspectos que corroboram para a projeção e impacto das lembranças sobre o ser. O espaço pode servir como elemento propulsor da memória em narrativas literárias, tendo em vista a articulação entre as experiências passadas com as informações relevantes.

Ante o exposto, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar o caráter memorialístico através do espaço na obra *Fazendo Ana Paz*, de Lygia Bojunga. Como objetivos específicos, destacam-se: situar a obra *Fazendo Ana Paz*, de Lygia Bojunga, dentro da crítica literária contemporânea; discutir o processo de rememoração da protagonista Ana Paz, por meio da relação entre o passado e o presente; compreender como os espaços íntimos são desencadeadores de lembranças.

A problemática que rege a pesquisa encontra-se centrada no questionamento acerca de como se dá o processo memorialístico em *Fazendo Ana Paz* e de que modo o espaço contribui para a construção da memória na obra em menção, considerando os principais eixos norteadores de sua estrutura composicional.

A motivação para a pesquisa parte do interesse em discutir as questões pertinentes ao contexto dos estudos memorialísticos, a partir da temática que Lygia Bojunga expressa na obra *Fazendo Ana Paz*. A escritora apresenta um leque de possibilidades para os leitores, trazendo diferentes formas de abordagens acerca de questões que permeiam a sociedade. Sua obra destaca-se no cenário da literatura contemporânea, objeto de investigação constante em pesquisas acadêmicas.

Além disso, a temática que Bojunga discute, também, abre margem para os estudos que tratam do espaço, aspecto este de grande relevância para a pesquisa em foco. Desse modo, a opção por trabalhar com *Fazendo Ana Paz* é justificada pelo diálogo que a obra oportuniza entre a memória e o espaço, traçando um viés de abordagem que engloba a proposta da linha de pesquisa estudada no Mestrado em Letras.

É interessante frisar que Lygia Bojunga permeia um vasto campo de atuação na literatura, tendo em vista que apesar de sua obra ser classificada como infanto-juvenil, também esboça veementemente questões amplas, atingindo diversas categorias e públicos. A escritora possui um número considerável de publicações que lhe rendeu diversos prêmios ao nível mundial, situando-a como uma importante figura no contexto da literatura para jovens e adultos.

A diversidade temática de suas obras apontam para o caráter inovador de seus enredos, mesclando uma produção de cunho reflexivo, norteadas por assuntos polêmicos da sociedade e que comumente não são expostos em livros para o público mais jovem. Daí, nasce um ponto importante para a crítica, ou seja, a capacidade que Bojunga tem ao trabalhar em suas obras, situações que dificilmente outros escritores teriam a ousadia em propor para seu público.

A escritora conta com obras famosas, tais como *A Bolsa Amarela*, *O abraço*, *Nós três*, *Corda bamba*, *Seis vezes Lucas*, dentre outras que narram a infância por outro olhar, mostrando ângulos que dão margem para a reflexão sobre o mundo de forma abrangente. Sua produção engloba a ideia de fantástico aliado ao caráter realista, proporcionando uma experiência única para o leitor.

A obra analisada na pesquisa, faz parte da trilogia composta por *Livro – um encontro* que aborda a leitura, numa espécie de depoimento, a escritora por ela mesma; *Fazendo Ana Paz* que expõe a “dramatização” da escrita enquanto processo de (re)construção a partir de Ana Paz. E, por último, *Paisagem* que fala da mistura

entre esses dois aspectos (leitura e escrita), por meio da personagem Lourenço, que estabelece uma ponte com o leitor, num ato de “teatralização”.

A obra *Fazendo Ana Paz* marca o nascimento de uma escrita dotada de nuances que partem do caráter metalinguístico da produção de Lygia Bojunga, sobretudo, de uma atmosfera reflexiva frente ao ato de escrever. Com um viés contemporâneo, a obra lança mão de questionamentos ligados ao processo literário, deixando que a protagonista ganhe voz, ao tempo em que é narrada. O leitor encontra-se delimitado num âmbito de incertezas e dúvidas frente ao objeto literário, desafiado a mergulhar na imensidão de lembranças de Ana Paz, protagonista da narrativa.

A pesquisa é qualitativa, de cunho bibliográfico, apresentando um estudo que se baseia nas concepções da crítica literária e em teorias que oportunizam a discussão acerca da relação entre memória e espaço. No que tange ao contemporâneo, a pesquisa encontra-se alicerçada nos estudos de Agamben (2009), Schollammer (2009), Pellegrini (2007); a memória é norteadada nas concepções de Bergson (1999) e Halbwachs (2006); no enfoque ao espaço, tem-se a visão de Bachelard (2008) e Brandão (2013), dentre outros.

O capítulo I intitulado *Lygia Bojunga e a literatura contemporânea* pauta-se na discussão sobre os elementos que configuram a literatura contemporânea, procurando entender o lugar de Lygia Bojunga e sua obra nessa conjuntura, bem como a maneira como a crítica se posiciona diante de sua produção. Em seguida, expõe o processo criativo de *Fazendo Ana Paz*, tendo em vista suas características e abordagens oriundas dos elementos do contemporâneo.

No capítulo II intitulado *Sobre a memória em Fazendo Ana Paz* faz-se uma abordagem acerca dos estudos da memória, compilando as suas principais concepções e caracterizações. Mais adiante, explora-se o caráter memorialístico da obra diante das influências do passado sobre o presente, bem como a maneira como a personagem Ana Paz se reconhece por meio de suas lembranças. Além disso, interessa entender como a personagem se reinventa frente ao processo rememorativo, a partir dos questionamentos e incertezas que emergem das lembranças.

Por fim, no capítulo III denominado *Espaços desencadeadores de lembranças em Fazendo Ana Paz* será analisado a relação estabelecida entre a memória e o espaço na obra, notadamente, evidenciado pela representação do lugar de infância, a casa de Ana Paz. Nesse espaço, há um forte apelo à recordação das experiências

que configuram a vida da personagem, revisitando conflitos, perturbações e angústias que compreendem as vivências de outrora.

Nesse sentido, o espaço surge como eixo das sensações despertadas ao longo das experiências evocadas por Ana Paz, entrelaçando-se com a memória. É por meio do espaço que a personagem encontra-se com suas três fases da vida: infância, juventude e velhice.

Ao colocar o espaço e a memória no mesmo plano de abordagem percebe-se o quão importante é a relação entre o lugar e as vivências da protagonista. É evidente que *Fazendo Ana Paz* desperta o movimento involuntário da sensorialidade do espaço, bem como os fragmentos que as lembranças conseguem fazer renascer através do contato com o ambiente.

2 LYGIA BOJUNGA E A LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Lygia Bojunga é uma escritora com apurado trabalho no campo da literatura contemporânea, suas obras perpassam um universo de singularidades, incompreensões, sondagem interior, dentre outras questões, evidenciadas pela construção de personagens que permeiam os liames entre realidade e ficção.

O conteúdo das suas produções evidenciam a dinamicidade que a escritora possui em colocar no papel, situações que ora traduzem a realidade, ora demarcam o território da fantasia. Tudo ocorre de maneira natural, despertando sensações e gerando opiniões nos seus leitores e, sobretudo, na crítica.

A obra de Bojunga transmite a ideia de liberdade, tendo impacto significativo na forma de ver e entender a sociedade, pois, contempla eventos narrativos que fomentam a discussão de assuntos bem mais complexos que a vivência do universo infantil aparenta dispor.

A escritora consegue formar um arranjo narrativo que compreende o contexto da criança e o mundo adulto, propondo uma análise apurada de aspectos que transitam em torno do espaço literário. A composição de sua obra ocorre de forma espontânea e descompromissada com padrões, expondo uma feitura dramática de temáticas que dialogam com momentos que mesclam o passado e o presente.

Com efeito, suas produções correspondem a uma literatura, antes de tudo, pensada no público infanto-juvenil, mas que acaba passando por períodos de uma composição mais voltada para a metalinguagem e o fazer literário propriamente, ditos. É nesse íterim que surge *Fazendo Ana Paz*, obra que traça um caminho reflexivo e inovador a respeito da construção do texto literário, em que narradora e personagem dialogam por diversas vezes e habitam o mesmo espaço na trama.

O enredo trabalhado em *Fazendo Ana Paz* demonstra o cuidado de Bojunga em proporcionar uma interação entre o texto literário e os demais elementos que o contemplam. A obra é configurada por brechas que convidam o leitor a fazer pausas reflexivas, intercalando contextos relacionados a um tempo e espaço fixados no passado, mas que mantém relação direta com o presente.

Desse modo, o presente capítulo tem por objetivo expor a visão da crítica acerca da produção de Lygia Bojunga, além de mostrar como as características da literatura contemporânea ganham força na obra *Fazendo Ana Paz*, a partir dos elementos de sua estrutura narrativa.

2.1 Lygia Bojunga e a crítica

Lygia Bojunga é natural de Pelotas – RS, criada no Rio de Janeiro, local para o qual se mudou com a família ainda na infância. Sua carreira profissional é marcada pelo contato com o teatro, a televisão e o rádio, para em seguida, dedicar-se à literatura. O universo literário sempre a fascinou e desde cedo apresentava forte apreço às narrativas de Monteiro Lobato, um grande inspirador de suas produções. A leitura, a fantasia e o poder da palavra foram fatores que marcaram sua trajetória e despertaram nela o gosto por escrever.

No que concerne à produção de Lygia Bojunga, esta é composta de narrativas ficcionais, teatrais e autobiográficas, sendo amplamente reconhecida na esfera nacional e internacional. Suas obras abrangem um cenário de tradução em mais de 20 idiomas, sendo reflexo de uma literatura criativa e expressiva, perfazendo a premiação em diversos segmentos, tais como o ALMA (Astrid Lindgren Memorial Award) e a medalha Hans Christian Andersen pelo IBBY (International Board on Books for Young People), uma espécie de Nobel da literatura, além do Prêmio Jabuti, pela CBL (Câmara Brasileira do Livro).

A escritora produz narrativas voltadas, notadamente, para o público infanto-juvenil, porém, abarca uma esfera ampla de público eclético, graças a adoção de temáticas que envolvem questões mais urgentes da sociedade, tais como opressão, morte, injustiça, desigualdade, dentre outras. Suas abordagens são voltadas para o entendimento do eu, de situações que colocam as personagens em constante conflito, aproximando cada vez mais o narrador, o leitor e as experiências das personagens.

Seus escritos transitam entre o real e a fantasia, mesclando uma cadeia narrativa que se ampara na construção de um discurso com forte teor social, representado através de personagens que carregam consigo características eminentes ao homem contemporâneo. É preponderante a discussão de aspectos que pairam sobre a busca pela identidade, problemas de ordem ideológica, violência, dentre outros, tendo em vista uma proposta estética que se desfaz dos padrões tradicionais.

Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2007) atentam para a representação realista do contexto social na produção de Lygia Bojunga, tendo em vista a reflexão sobre a miséria e o sofrimento infantil, criticando de maneira mais radical a sociedade brasileira contemporânea. Segundo as pesquisadoras, Bojunga consegue fomentar

discussões sobre diversos problemas com um olhar crítico, distanciado de visões utópicas. Acrescentam, ainda, que a obra de Bojunga tem desdobramentos importantes sobre a identidade, nas tensões que decorrem do ambiente familiar, por meio de “histórias que internalizam, na personagem infantil, as várias crises do mundo social” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 124).

Bojunga apodera-se dos elementos ligados à subjetividade para discorrer sobre aspectos ligados ao contexto social, histórico e ideológico de uma sociedade em transformação, mas que, ainda, carrega traços de uma realidade deturpada por estereótipos. Sua obra contempla um vasto campo de possibilidades para a busca por respostas frente aos desafios contemporâneos; tudo isso misturado a aspectos que fomentam a relação entre a realidade e o caráter ficcional.

A subjetividade presente em sua obra faz parte de um modo particular de narrar os fatos que pairam sobre a sociedade, afastando-se cada vez mais das temáticas convencionais até então presentes na literatura infanto-juvenil. Surge, então, um modelo literário a frente de seu tempo, a qual mescla o universo da criança com uma roupagem ligeiramente modificada pelo ambiente adulto, com desafios e perspectivas urgentes do contexto contemporâneo.

Suas personagens estão sempre rodeadas por processos de autoconhecimento, ou seja, em transformação constante, imbuídas por sentimentos de inquietação e conflito com a realidade. É como uma espécie de cadeia que as aprisionam, estando elas sempre tentando romper as amarras sociais.

Diante disso, Bojunga atravessa um caminho marcado pela integração de recursos que vão desde a discussão de temáticas importantes, quanto da construção de personagens que expõem a profundidade que a obra literária pode dispor, moldando comportamentos, referências, bem como exaltando um viés estético próprio de composição.

As personagens dessa autora vivem, no limite, crises de identidade: divididas entre a imagem que os outros têm delas e a auto-imagem que irrompe de seu interior, manifestando-se através de desejos, sonhos e viagens, os livros de Lygia registram o percurso dos protagonistas em direção à plena de sua individualidade (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 156).

É notório que a busca pela autonomia e identidade constituem-se como aspectos cruciais na produção de Bojunga, visto que as personagens são delimitadas

por situações conflituosas, das quais se espera sempre uma atitude, uma resposta. O autoconhecimento promovido dessa relação parte da necessidade de conciliar as fronteiras que irrompem do texto literário com o mundo exterior.

Bojunga lida com o processo de amadurecimento constante, de modo que seus escritos estão sempre evoluindo com a cadência das temáticas debatidas. As narrativas parecem ser desprovidas de pressa, tudo segue cautelosamente e permite que cada acontecimento seja (re)avaliado ao longo do percurso ficcional, porém, nem sempre há uma lógica a ser percebida durante o processo.

Sua narrativa flui num ritmo vagaroso, atento à minúcia de comportamento e de ambiente que às vezes se aproxima do fluxo de consciência. O resultado é uma narrativa original que, além de romper com a linearidade, parece ter a intenção de colar-se ao modo infantil de perceber e dar significado ao mundo (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 156).

A falta de linearidade em seus textos constitui como uma das principais características de Bojunga. O trabalho com a palavra é, antes de tudo, o elemento que alicerça sua obra, mesclado pelas relações estabelecidas em torno das abordagens instituídas nela, sobretudo, pelo potencial metafórico que carrega.

A escritora estabelece uma literatura que aproxima o objeto ficcional as experiências subjetivas, tendo por alicerce uma visão de mundo que desloca o sujeito leitor da sua zona de conforto. Bojunga apodera-se da palavra enquanto elemento de criação, como se fosse um processo de artesanato, costurando cada sentido nas entrelinhas do texto. O traço que marca a originalidade na construção de sua narrativa é pautado justamente no contato das experiências, ao passo que também coadunam com o universo exterior.

O fio condutor da produção de Bojunga é delineado por espaços de opressão, nos quais a realidade ficcionalizada desdobra-se a partir das ilusões, dos processos e mecanismos que desempenha cada personagem na narrativa. O caráter subjetivo compõe um cenário que transpõe a esfera individual e social, levantando reflexões que se delimitam em torno da construção de personagens inacabados e em constante evolução.

Como exemplo, cabe destacar duas importantes obras da autora, a saber *O abraço*, obra em que narra um tema incomum para o contexto da literatura infantil, lançando mão de uma temática forte e realista, o estupro ocorrido na infância da

personagem Cristina. Ainda que, não dito escancaradamente, fica evidente logo nas primeiras páginas do livro “quando eu tinha oito anos eu fui estu... não, pera aí, vamos deixar isso pra depois” (BOJUNGA, 2010, p.9). Ao longo da narrativa, percebe-se que a ausência do termo estupro ocorre intencionalmente, atribuindo referências como abraço, escuro, crime e outros sinônimos que metaforizam o ato de violência sexual no texto literário.

Outro exemplo é a obra *Nós três*, cujo enredo trata da morte, o assassinato de um rapaz chamado Davi presenciado por Rafaela, uma criança que cresce com a “culpa” de não ter denunciado o ato. A narrativa dispõe de elementos que dialogam com a morte e o luto, articulando não somente o texto verbal, mas utilizando páginas com tarja preta, simbolizando os mistérios e medos que pairam sobre esse momento triste.

É notório em várias obras de Bojunga a morte e o terror sendo abordados, por meio de histórias que evidenciam crimes passionais, relações conflituosas, momentos de angústias, e assim por diante. As duas narrativas citadas expressam apenas parte daquilo que compõe sua obra, demonstrando que os enredos podem passear pelo vasto campo que o texto literário pode oferecer, ligando os aspectos subjetivos ao caráter contemporâneo.

Ligia Cademartori (1986) aproxima essa discussão acerca da realidade e da subjetividade, quando mostra ser possível ter outras experiências a partir de vivências já adquiridas, rompendo com padrões morais, sociais e ideológicos arraigados na sociedade. A pesquisadora expõe que Bojunga questiona os valores que suas personagens carregam consigo, colocando em destaque, concepções a respeito da mulher, da criança, do idoso, moldados pelas relações sociais.

De acordo com Cademartori (1986) Bojunga constrói um mundo ficcional que parte da infância e segue para questionamentos acerca dos processos que fundamentam temáticas ligadas ao homem e seus conflitos. Ela explora, sobretudo, a maneira com a qual o indivíduo consegue lidar com assuntos típicos do contexto social, mas que acabam sendo moldados pelo contato com a experiência. Fundamenta-se, então, numa produção que promove uma tomada de consciência por parte do leitor.

Laura Sandroni (2011) ressalta que a obra da escritora tem função lúdica aliada a uma visão questionadora dos valores impostos pelos padrões dominantes, porém, fala de maneira mais profunda acerca do papel que a linguagem absorve

nesse contexto. Seus textos rompem com paradigmas e condutas impostas por uma sociedade retrógrada, promovendo assim, a autoconsciência por meio do poder literário da palavra.

A pesquisadora analisa a obra de Bojunga a partir de sua organização ficcional, refletindo acerca de como o jogo narrativo é composto, bem como a maneira como a linguagem é manifestada. Nesse sentido, expõe que a escritora circula por um espaço de prestígio na literatura brasileira, discutindo temáticas que propiciam um contato com realidades distintas e marcadas, notadamente, pelo viés estético literário.

Lygia Bojunga situa-se entre as que melhor evidenciam essa concepção inovadora: a de uma literatura infantil suficientemente amadurecida para colocar-se lado a lado com a produção artística, na qual os valores estéticos, originalmente metafóricos e questionadores, realizam-se enquanto linguagem promovendo a empatia (SANDRONI, 2011, p. 168).

O modo como a linguagem é estabelecida na produção de Bojunga expressa a habilidade da escritora em promover uma comunicação em seus diversos níveis de compreensão, colocando leitor e obra cada vez mais próximos, devido às diversas abordagens feitas ao seu público no decorrer dos enredos. Os valores estéticos são manipulados conforme os possíveis sentidos dados a sua obra, mesclando diferentes visões e contextos na narrativa.

A produção artística de Bojunga levantada por Sandroni (2011) permite pensar como o processo de criação literária é delicado, haja vista que a linguagem consegue promover a empatia, ao passo que trata de questionamentos acerca de valores que ganham dimensão além da experiência pessoal.

A adoção de uma linguagem que funde o individual ao social na obra de Bojunga mostra o quanto sua escrita é capaz de promover a articulação com questões complexas ao homem. Além disso, ela desenvolve uma escrita com apurado domínio técnico, marcada por um campo discursivo de caráter expressivo e renovador.

A riqueza de suas metáforas é espantosa, bem como seu domínio técnico na elaboração da narrativa e na perfeita fusão do individual e do social [...] ainda que profundamente fiel às fontes brasileiras, tem uma ressonância universal (SANDRONI, 2011, p. 13 – 14).

Nesse viés, o trabalho com a linguagem além de colocar Lygia Bojunga como destaque no cenário da literatura brasileira, ao mesmo tempo, abre margem para que sua obra seja elevada para além dessa conjuntura, não à toa que alcança um número de traduções e premiações consideráveis. A presente relação entre o cotidiano e o insólito, permeado pelo jogo estético da linguagem oportuniza que o leitor discuta sobre perspectivas plurais, que ressoam e podem ser tangíveis também ao plano individual.

Segundo a visão de Fernando Luiz e Berta Feba (2014), a intertextualidade e a metalinguagem figuram como elementos marcantes na produção da escritora, lançando mão de uma literatura de cunho autorreflexiva. A construção de suas narrativas abordam, assim, aspectos que correspondem ao campo da natureza estética e literária, rompendo com padrões de abordagens que limitam as temáticas ligadas ao universo infanto-juvenil.

Quando a linguagem extrapola o contexto de feitura da obra, significa que o texto está para além dele mesmo, ou seja, ressoa em situações nas quais o seu conteúdo é absorvido por uma dinâmica baseada em desafios, gerando impactos na forma como o discurso narrativo é disseminado. Segundo os pesquisadores, os textos de Bojunga são construídos dentro de uma perspectiva de renovação, podendo ser empregados nas mais diversas categorias e condições literárias, em razão do alcance das temáticas e de sua literariedade.

A autora é conhecida pela peculiaridade de sua escrita, que recorre à fantasia, faz uso de linguagem simples, aborda desejos infantis em contraponto com anseios do adulto, cria personagens sonhadoras e inconformadas com a realidade, apresenta contexto socioeconômico constituído por pobres e miseráveis - em uma crítica constante a tais situações sociais - e tematiza problemas inerentes ao homem contemporâneo (LUIZ; FEBA, 2014, p. 156).

As temáticas de Bojunga contrapõem-se com a ideia de mágico, de encantamento e visões utópicas de uma sociedade perfeita, em que o bem e o mal são colocados em destaque. A maneira como a linguagem é manifestada na obra de Bojunga, deixa claro a necessidade de suas personagens em mergulhar nos infindáveis questionamentos e conflitos enfrentados pelo homem através de suas relações com o ambiente.

É uma literatura composta pela fantasia, mas que, sobretudo, tem o compromisso em refletir sobre as demandas e facetas sociais atreladas à realidade em que as personagens estão inseridas (LUIZ; FEBA, 2014). Os seus enredos partem da premissa de que a criança, mesmo em sua inocência, consegue lançar um olhar de criticidade acerca do que lê. Além disso, um mesmo texto pode servir de embasamento para situações que pertençam aos mais variados públicos, não ficando limitado apenas a um único fim.

Trata-se de um evidente caráter performático e metalinguístico da linguagem, dado pela relevância em que a escritora lida com essa construção e, ao mesmo tempo, reconstrução constante da narrativa. A partir disso, há um aprofundamento de questões pertencentes a uma realidade fragmentada, mas, sobretudo, delineada por essa via de mão dupla entre o passado e o presente.

A construção de suas narrativas encontram atreladas a uma experimentação da linguagem enquanto reconhecimento; a busca pelo entendimento de situações que estão além do indivíduo, marcando um panorama de multiplicidade de elementos envolvidos na trama. A linguagem, então, assume uma dimensão experimental e pautada no jogo com o leitor, estimulado a preencher os espaços vazios do texto.

Nelly Novaes Coelho (1995) reporta-se à Lygia Bojunga como uma escritora de grande relevância para literatura brasileira, sobretudo, pelo fato de sua produção apresentar uma visão questionadora do mundo e dos mecanismos que o depreendem. Da mesma forma, também, enfatiza o aguçado trabalho com a criação literária, enquanto característica renovadora. O ambiente ficcional é norteado pelos desafios em trazer uma narrativa que parte da experimentação com a linguagem e os aspectos que a envolvem, a forma como o imaginário consegue transpor as fronteiras daquilo que é real, por meio da palavra e seus sentidos.

Lygia, em cada livro, enfoca um problema específico da existência humana, através das relações fundamentais que se estabelecem entre o eu e o outro. Em todos eles, a imaginação criadora (lúdico-crítica) é o motor-geratriz da efabulação. A consciência da palavra como construção do real é a pedra angular que sustenta o seu mundo de ficção (COELHO, 1995, p. 655).

Diante dessa perspectiva, os enredos construídos pela escritora sustentam-se pela expressividade que o texto literário dispõe, sua ampla possibilidade de estabelecer sentidos através daquilo que é representado. Além da capacidade em

discutir sobre a essência humana, bem como de suas relações. Não obstante, traduz uma composição inacabada, em que a obra de Bojunga está constantemente envolta, quais sejam, as lacunas a serem preenchidas pelo leitor, pelas impressões que denotam dessa variável, além de todo o contexto em que a obra pode ser inserida, não sendo exatamente o reflexo de um objeto fixo e sem modificações.

Patrícia Yurgel (2007) reflete como a escritora articula sua obra com os agentes envolvidos no processo literário, notadamente, centra na figura do leitor o alcance primordial de sua produção, reservando-lhe o papel de mergulhar no vasto campo significativo que seus enredos dispõem. Para a pesquisadora, Bojunga desafia o leitor ao colocar possibilidades de leituras através de seus escritos, percorrendo tanto o público infantil quanto o adulto, renunciando a toda e qualquer concepção estereotipada.

A autora convida o leitor a adentrar em sua obra, ao passo que mostra uma preocupação em compartilhar com este o processo de criação literária. Ela sente a necessidade de deixar exposto às nuances que subsidiam os elementos de sua composição, dando margem para que o leitor possa tomar partido e se tornar parte integrante da teia narrativa.

A preocupação em entender o lugar que esse leitor ocupa dentro da obra é importante para a análise de textos de autores como Lygia Bojunga, que privilegiam o espaço do leitor e o convidam a fazer parte da obra não como uma hipótese, mas como uma realidade dentro da ficção. Pode-se afirmar que Lygia Bojunga contraria as expectativas e cria uma relação com o leitor na qual não há certo ou errado, acontecido ou imaginado. [...] O jogo aberto chama o leitor à participação e assim consegue envolvê-lo na criação literária (YURGEL, 2007, p. 15-16).

Lygia Bojunga expõe o seu processo criativo com o seu público alvo, pensando no leitor, rompendo com a tradição literária em fixar-se dentro de um modelo estético fechado e carente de renovação. Ela brinca com o seu texto, dando espaços para que, independente, da temática abordada a mensagem nele contida possa estabelecer sentido para quem lê, participando ativamente do processo literário.

O leitor é desafiado a encarar um universo plural, como uma espécie de quebra-cabeças, em que há sempre algo a ser desvendado. O ponto de partida gira em torno de situações expressas no âmbito individual ou social, deslocando-o no espaço e no tempo por meio da linguagem, da forma como a obra é delineada.

Fica evidente que a construção pautada em seu processo narrativo admite uma tônica plurissignificativa, por meio da multiplicidade de sentidos e situações a serem decifradas pelo leitor. Assim, toma-se por base os comportamentos e características atribuídas a esse modelo de sociedade em que a sua literatura faz parte.

Desse modo, seus enredos expõem um mundo ficcional delineado por um caráter de renovação, trazendo para o centro a discussão de uma nova forma de ver e refletir sobre a literatura. É notório a liberdade de expressão em tematizar conflitos, buscando adentrar num mundo de possibilidades através do poder da linguagem.

Em vista disso, Lygia Bojunga consegue atingir um grau de consistência literária considerável aos olhos da crítica, estabelecendo como marca o seu estilo próprio de escrita, sua forma de evidenciar questões típicas de uma sociedade em constante mutabilidade. Ao mesmo tempo, consegue refletir sobre aspectos que fomentam uma busca pela compreensão de si e do mundo ao seu redor.

Os elementos de produção evidenciados em sua obra a diferenciam dos demais escritores de sua época, ao mesmo tempo, em que a coloca como um forte nome da literatura nacional e internacional. Sua produção parte de uma esfera singular com o texto, fazendo com que este ganhe uma dimensão desafiadora e em constante transformação. A alternância de vozes, o jogo com a linguagem e a maneira original em colocar no papel suas inquietações também compreende parte desse complexo universo criativo.

2.2 A tessitura de *Fazendo Ana Paz* e a literatura contemporânea

O contexto de criação literária das obras de Lygia Bojunga abre espaço para a abordagem sobre o sujeito e suas relações, notadamente, no que se refere ao campo da produção literária contemporânea. Nesse sentido, esta não se baseia em padrões e modelos estéticos fixos, orienta-se por uma obscuridade, em meio a uma realidade em processo constante.

Giorgio Agamben (2009, p. 63) ao refletir sobre o contemporâneo assevera que “aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente”, este depreende a marca do contemporâneo. Para ele, pensar sobre acontecimentos do momento é lançar-se tateando sem visibilidade. Corroborando com esse pensamento, Karl Erik Schollhammer (2009, p. 10) assevera

que o “escritor contemporâneo precisa ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir”. Desse modo, se orientar no escuro significa está vivendo dentro de uma realidade da qual precisa se reportar.

A perspectiva do obscuro, parte, então, do diálogo, ainda que conflituoso e desafiador, entre o real e o fictício, manipulados pelo poder da linguagem. O escritor assume o papel de artesão, traçando aquilo que precisa ser dito sobre o seu tempo, mas não é de todo exposto. A liberdade estética seria, então, um dos aspectos que garantem essa diferença entre os estilos anteriores.

Os efeitos da ‘presença’ se aliam a um sentido específico de experiência, uma eficiência estética buscada numa linguagem e num estilo mais enfáticos e nos efeitos contundentes de diversas técnicas não representativas de apropriação dessa realidade. O uso de formas breves, a adaptação da linguagem curta e fragmentária e o namoro com a crônica são apenas algumas expressões da urgência de falar sobre e com o ‘real’ (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 14).

A presença pode aqui ser entendida por essa forma simples e, ao mesmo tempo, complexa, em retratar o sujeito contemporâneo. O objetivo é, antes de tudo, discutir a relação entre o homem e o mundo, partindo de sua individualidade, bem como a intensidade que o caracteriza, tendo como norte a realidade problematizada e de caminhos tão frágeis.

A produção literária de Lygia Bojunga, parte, fundamentalmente, de um aspecto que foge ao padrão tradicional de escrita. Ela apodera-se de um contexto firmado entre a noção de presença / ausência com a realidade representada em sua obra, tematizando o homem e a sociedade. Isso faz lembrar Agamben (2009) ao tratar dessa relação de aderência e, ao mesmo tempo, distanciamento do seu próprio tempo, marcando a ideia de contemporaneidade.

Indo mais além nos aspectos do contemporâneo, é importante ressaltar a presença da intertextualidade como forte marca na produção de Bojunga. Para tanto, toma-se como apoio os estudos de Linda Hutcheon (1991)¹ quando discute que todo texto tem um pouco de outras referências em seu conteúdo, ou seja, possui vestígios

1 Embora os estudos de Linda Hutcheon sejam voltados para a Pós-modernidade, com ênfase na historiografia literária, adotou-se dela as reflexões sobre as características do texto literário que se modelam a partir do contexto dos anos 80 do século XX e se intensificam e se desdobram na contemporaneidade.

de produções passadas que mantêm contato com a atualidade, sejam eles de cunho literário ou histórico.

A marca intertextual defendida por Hutcheon dispõe acerca da capacidade em trazer para as narrativas atuais, traços de algo anterior, pautado numa multiplicidade de recursos que somente o texto literário permite. É poder encontrar aspectos que remetem a outros textos, convergindo temáticas, personagens, espaços, dentre uma série de outros elementos que surjam. Tudo isso, corroborando com as características da contemporaneidade, de uma literatura produzida em meio as mudanças que a sociedade atravessa e, sobretudo, o contexto literário.

Em *Fazendo Ana Paz* percebe-se a intertextualidade com a personagem Raquel, de *A Bolsa Amarela*², obra também de Bojunga. É a partir do encontro com essa personagem que a narradora começa a sentir a necessidade de levantar uma nova história, visto que o intuito inicial era falar sobre um livro de viagens e das experiências adquiridas nelas. No entanto, Raquel a perturba e mostra-se presente em suas memórias, exigindo seu espaço nessa caminhada.

Raquel é uma personagem de personalidade forte, que não mede esforços para ter as suas vontades atendidas. A sua intromissão é tamanha que, a narradora fica perdida entre a necessidade de iniciar uma nova história, ao passo que sofre com a urgência em colocá-la numa gaveta, dando um ponto final na sua jornada.

Da mesma maneira que Ana Paz provoca conflitos na construção do texto, tentando manipular as ideias empregadas pela narradora, a personagem Raquel também se mostra desconfortável, pois, ela não aceita ser descartada, assim, sem uma despedida à altura. Antes, é preciso cortar os laços que as unem, criadora e criatura, para que outras vidas possam nascer.

A narradora, porém, deixa transparecer a sua angústia com a cobrança realizada por Raquel. Ela confessa que não estava acostumada com tais exigências de suas personagens, pois, elas costumam surgir de maneira natural, bem como partem da mesma forma. O elo mantido fica apenas como recurso auxiliador para as

² *A Bolsa Amarela* (2017) trata da história de uma menina chamada Raquel. Sonhadora, a personagem partilhava de três desejos: crescer, ser escritora e tonar-se menino. A narrativa compartilha de uma mistura entre o real e o fantástico, a partir do contexto social da ditadura. Assim, Raquel personifica o desejo pela libertação e por poder fazer parte de um mundo em que suas vontades não precisassem ser reprimidas. Era, então, na bolsa amarela que a personagem escondia seus sonhos. A obra, portanto, representa um importante marco na trajetória de Lygia Bojunga.

futuras aventuras, tomando por base as experiências desencadeadas em enredos de outrora. Embora estabeleçam um diálogo entre uma obra e outra, cada personagem ganha a sua independência, fato este que acaba não ocorrendo com Raquel e Ana Paz.

Eu estava habituada a ver cada um dos meus personagens hesitar pra vir à tona. [...] Daí o meu susto com Raquel; ela nem tocou a campainha: escancarou a porta, se aboletou no meu caderno, e só foi embora quando eu botei o ponto final no livro. Depois dela, tudo que é personagem que eu fiz voltou a aparecer devagar: abria uma fresta da porta, dava uma espiada, sumia, voltava, a fresta ia aumentando... será que filho meu mais nenhum vai chegar feito a Raquel chegou? E daí, um dia, aconteceu de novo: ela chegou e sem a mais leve hesitação foi me dizendo: Eu me chamo Ana Paz; eu tenho oito anos (BOJUNGA, 2018, p. 15-16).

A referência à personagem Raquel é o ponto de partida para a construção de *Fazendo Ana Paz*, pois, somente após dar um desfecho a ela que a mente da narradora fica liberta para que outros enredos possam ganhar vida. Em certo ponto, é pertinente ressaltar que Raquel compartilha de algumas características com Ana Paz, a saber a obstinação, o impulso em questionar e reivindicar a maneira como deseja que sua história seja narrada. Duas meninas que se encontram tão próximas e, ao mesmo tempo, tão distantes em suas trajetórias.

A relação entre Raquel e Ana Paz aponta para a ligação entre uma narrativa e outra, um processo de escrita em contínua construção. É como se as personagens precisassem, de alguma forma, manter um vínculo entre si, mesmo que distante. Hutcheon (1991, p. 166) diz que “uma obra literária já não pode ser considerada original; se o fosse, não poderia ter sentido para seu leitor. É apenas como parte de discursos anteriores que qualquer texto obtém sentido e importância”. Isso significa que toda obra tem um pouco de outra, o que não exclui que esta possa ter traços de renovação, abordando as mesmas referências por outros olhares. Diante disso, é pertinente afirmar que nenhuma obra surge do acaso, ainda que não se prenda a um contexto, ela sempre parte de alguma referência.

As fronteiras de um livro nunca são bem definidas: por trás do título, das primeiras linhas e do último ponto final, por trás de sua configuração interna de sua forma autônoma, ele fica preso num sistema de referências a outros livros (LEITCH apud HUTCHEON, 1991, p. 167).

Em outras palavras, as fronteiras do livro correspondem aos aspectos que o moldam, sejam eles de cunhos estruturais, estéticos, semânticos, dentre outros. O fato é, que mesmo partindo de uma nova perspectiva composicional, ele não perde traços de construções anteriores, estabelecendo relação para além de sua configuração inicial.

Segundo Marлизete Steinle (2015) a literatura contemporânea apoia-se num modo particular de produção, haja vista que a metalinguagem absorve uma presença considerável nos textos. Como o exemplo já mencionado, a pesquisadora também reflete sobre o diálogo intertextual com as personagens Raquel e Ana Paz, ambas representadas por uma identidade marcante e conflitos internos. Ela parte da premissa de que Bojunga faz uma autorreferenciação de sua própria escrita; cada obra acaba sendo uma sequência de ações vividas pelas personagens em outras conjunturas, envolvidas em diferentes realidades.

Retomando a obra de Bojunga, é preciso entender que esse processo de composição é algo natural em sua escrita, não se trata de um padrão ou modelo fixo de produção, pelo contrário, expõe a liberdade que a literatura contemporânea agrega: o fato de não se encontrar limitada dentro de um formato, tampouco, com características estanques e rotuladas por um estilo que não é passível de desconstrução. É a possibilidade de estabelecer esse jogo com a linguagem e com as diversas facetas que o objeto literário pode dispor.

Fazendo Ana Paz reflete bem essa dinâmica, que expressa um passo importante na carreira de Lygia Bojunga, traduzindo uma criação literária em que o ato de escrever, o viés autobiográfico e a presença da memória demarcam um espaço significativo.

Ao atentar para a composição da obra, nota-se que a narradora perpassa uma sequência de fatos que dialogam tanto consigo, quanto com elementos da vida da personagem Ana Paz. É como se a narradora tomasse a personagem como espelho de sua caminhada, deixando transparecer uma relação conturbada e, ao mesmo tempo, delineada por situações semelhantes para ambas.

Há diversas informações da trajetória da narradora e de Ana Paz que e misturam ao logo da trama, notadamente, a inquietação com a escrita da obra, na qual a narradora expõe suas fragilidades, assim como a protagonista, em seus ciclos, bem como a casa que, também, partilha de objetos e espaços particulares.

Resolvi, antes de mais nada, levantar a casa. Eu fiz ela toda de sobras. Uma sobra da casa do meu avô, outra da casa da minha tia, outra do apartamento da minha professora de inglês, que repartia a nossa hora de aula na metade antes do chá e na metade depois do chá. De cada morada eu tirava um pedaço, para ir levantando a casa onde as minhas três mulheres iam se encontrar (BOJUNGA, 2018, p. 37).

No trecho acima, percebe-se que a narradora constrói a casa com características de sua vida pessoal, considerando os fatos e pessoas que marcaram o seu passado. A casa é de Ana Paz, mas também guarda o formato da casa inventada em prol das experiências da narradora, que observa, do seu estúdio, à espera do encontro de Ana com as suas lembranças pretéritas e suas três faces.

A narradora acaba se entretendo com os detalhes da composição da casa, desse importante espaço de memória que depreende toda a conjuntura sensorial de *Fazendo Ana Paz*. Todavia, ela entende que precisa seguir com a escrita, pois, a narrativa ainda terá muitos tropeços pela frente, visto que nem ela mesma sabe como delinear uma personagem tão incompleta como Ana Paz.

Fui gostando tanto de fazer a casa, que, em vez de ir pra mesa escrever, eu ficava me balançando na rede, trazendo pro meu estúdio uma porta da minha avó, um pátio da minha outra avó. Parava de fazer a casa e ia plantar no pátio um pé de jasmim que tinha no jardim da minha prima; botava num quarto da casa o guarda-roupa de espelho na porta que um dia eu encontrei num hotel; botei até na cozinha uma torneira que sempre pingava lá na casa onde eu me criei. Agora, olhando pra trás, eu chego a pensar que eu estava tão devagar na minha história de tanto que eu vinha querendo ficar lá deitada na rede, lembrando tijolo por tijolo a casa onde a velha ia ter nascido (BOJUNGA, 2018, p. 37-38).

A narradora percebe que a Ana Paz idosa teria muitas coisas a descobrir, por isso, era preciso ir adiante, preparando o terreno para a infinidade de informações resgatadas do passado. Antes, sobretudo, a narradora decide falar da Ana Paz menina, aquela que a visita inesperadamente querendo saber da sua história, causando interferências na esfera processual da obra.

Diante desse impasse, a narradora redescobre, por meio de uma escrita conturbada, que a Ana Paz permanecia sempre ali, ao seu lado, acompanhando cada palavra da sua jornada. Com isso, a protagonista começa a ser narrada em detrimento de sua infância, da menina sonhadora de outrora, que um dia retornaria à casa dos pais.

Tomando por base a apresentação da obra, Ana Paz surge, *a priori*, como uma menina de oito anos de idade. Ela vive em meio a angústia ocasionada pela morte do pai. Dessa reflexão parte a maioria de suas memórias. No decorrer da narrativa, a personagem é apresentada em mais duas fases da vida, na condição de jovem, decepcionada com uma relação amorosa entre ela e um homem chamado Antônio e de idosa octogenária, momento em que retoma sua cidade natal para reviver as lembranças, tentando assim entender sua história de vida “é isso! As três são a mesma pessoa! [...] E agora as três vão se encontrar” (BOJUNGA, 2018, p. 43).

Com base na relação entre os diferentes momentos da vida de Ana Paz, situados pela memória e os elementos que a compõem, é que a escrita literária ganha sua dinamicidade na obra. A personagem é norteadada por um viés que extrapola uma simples leitura narrativa, em que tudo é dado com clareza. Pelo contrário, a obra mostra que Ana Paz é fruto da inquietação evidente da narradora, ela precisa levantar uma criatura que expresse as possibilidades que um texto literário pode dispor, que mostre sua essência para além das entrelinhas.

Entende-se que a narradora tenta sempre explicar ao leitor a importância de cada episódio narrado, haja vista que a obra surge sem uma estrutura linear, distanciando, às vezes, algumas informações que seriam cruciais para o nivelamento das ações descritas.

Logo de início, o leitor é convidado a entender o processo de criação da narrativa, quais os motivos que levaram a narradora a dispor do enredo. Em *Caminhos* (seção inicial da obra), a narradora por meio de monólogo, vai articulando personagens e contextos para o nascimento do enredo.

A necessidade de falar mais dramaticamente do ato de escrever me fez continuar nesse caminho e levantar uma personagem chamada Ana Paz. O percurso que eu fiz com Ana Paz foi difícil, eu não enxergava bem o caminho, tropecei e parei muitas vezes, mas ela me levou a um livro que eu chamei *Fazendo Ana Paz*. E me levou também a querer continuar ainda na mesma estrada (BOJUNGA, 2018, p. 10, grifo do autor).

A personagem Ana Paz configura-se como reflexo da necessidade de expor suas inquietações. Atenta-se, então, para uma narrativa que apresenta traços de algo que não será de todo completo ou evidente aos olhos do leitor. A partir do prólogo *Caminhos* é possível perceber que a personagem denota uma estrutura inacabada,

dando indícios que o seu enredo não se limita apenas a descrição de personagens e fatos, mas sim, de um processo complexo e afinado com o fazer literário propriamente dito.

O percurso processual do livro provoca um pouco de confusão para o leitor, visto que a protagonista Ana Paz questiona a narradora sobre sua história, mantendo diálogos conflituosos com ela. Um interessante exemplo do embate entre ambas, é o momento em que Ana Paz aparece para a narradora em sonho, como expõe o trecho “– Pensa que eu não sei que você tá me sonhando? Se eu acendo a luz você acorda e eu acabo. [...] – Eu não te escrevo sonhando; eu só te escrevo acordada, e você não acaba!” (BOJUNGA, 2018, p. 63).

A reivindicação da personagem para com a sua criadora integra parte dessa quebra com o lógico, rompendo com aquilo que se espera das narrativas tradicionais. O escritor tem a plena autonomia em compor suas personagens, dando-lhes o desfecho que o convém e caracterizando-os conforme o enredo pede. Isso não acontece com Ana Paz, ela reluta e chega a importunar por diversas vezes a narradora, alegando que precisa compreender sua história.

Eis aqui outro traço da literatura contemporânea, o papel do narrador. Para Steinle (2015) o narrador não mais dispõe do poder absoluto sobre a obra, perdendo assim, sua onisciência a respeito do ponto de vista tradicional. Se antes ele tinha domínio sobre a escrita, hoje ele precisa do olhar do outro para se orientar, ou seja, a narrativa passa a ser construída por fragmentos, pedaços de informações que vão sendo colocadas em contato com outras, tentando estabelecer um sentido. A obra mistura narrador, personagem e leitor numa mesma cadência, exigindo ainda mais atenção com a experiência narrada.

Nota-se que, em *Fazendo Ana Paz*, a narradora é envolvida numa teia de situações acerca do nascimento de sua narrativa. O primeiro questionamento se dá pela necessidade de construir uma personagem que expresse o quão delicado é o processo de escrita, sendo moldada por um formato de texto que não entregue, soluções prontas, despertando um olhar crítico sobre a obra. Além disso, sofre influência direta da própria personagem que está sendo construída.

Marta Yumi Ando (2011) diz que a narradora apodera-se de todos os mecanismos a seu alcance para dar vida ao enredo. Em face da (re)construção de Ana Paz, uma personagem tão fragmentada, é que a narrativa acaba sendo desenvolvida. Fica difícil identificar sua linearidade, estabelecendo uma história com

começo, meio e fim, tendo em vista que nem mesmo a narradora consegue expressar essa constante, já que ela também se mistura ao processo.

A partir disso, a necessidade de falar dramaticamente sobre a escrita literária, entrelaçada pela presença da memória é apresentada no texto por meio da relação de prática experimental com o texto (ANDO, 2011). A obra acaba discutindo sobre si mesma, a experiência do criador para com a sua criatura, de narradora e personagem, com base nos obstáculos e articulações encontrados ao longo dessa caminhada que partilha da inovação com o fazer literário.

Fazendo Ana Paz representa um desafio frente aos padrões tradicionais, pois, apresenta uma personagem que ecoa traços de sua criadora, sobretudo, por constituir a urgência em falar e ser ouvida. A protagonista reclama o fato de ter sido descrita em sua própria história como “descosturada, mal acabada, tanto pedaço de mim rasgado (sabia que você me rasgou demais?)” (BOJUNGA, 2018, p. 88).

É como se ela, de fato, ganhasse vida e quisesse expor também suas vontades, suas opiniões e anseios na narrativa. Ela não aceita ser apenas descrita, ela participa do processo, interagindo ativamente com o desenrolar da obra, embora não ganhe a devida atenção e tenha somente um ponto final na história após anos na gaveta.

Outro exemplo dentro dessa constante, é a obstinação de Ana Paz em questionar a narradora acerca da descrição de seu pai. Em vários momentos ela sente a necessidade que este tenha uma história, por esse motivo acaba exigindo que ele ganhe mais espaço na obra, que tenha sua vida delineada com mais detalhes.

- Que que é isso, Ana Paz! O teu pai é um personagem, e personagem é feito filho da gente, ruim ou bom a gente gosta dele, ainda mais assim, quando ele ainda nem sabe ficar de pé. Fazer personagem é ato de entrega, de amor (BOJUNGA, 2018, p.65).

Essa necessidade que Ana Paz tem em reivindicar que seu pai seja desenhado na trama, estabelece mais uma vez a aproximação entre personagem e narradora. Ambos habitam um mesmo plano de referência, mantendo diálogos e trazendo a ideia de que a protagonista sai do campo ficcional para o real e vice-versa.

Isso implica no trabalho com a experimentação estética, do qual a literatura contemporânea é capaz de proporcionar, haja vista não haver um padrão a ser seguido. O escritor tem diante de si a liberdade em compor o seu próprio roteiro

literário, apropriando de todos as nuances que o texto pode oferecer e brincando com os elementos que fazem parte dessa estrutura.

O processo de escrita de *Fazendo Ana Paz* é tão amplo que, a própria narradora comemora os passos dados com a obra. Parece que costurar os fios soltos da narrativa dão um sentimento de conforto para a mesma, em razão de tantas pausas na escrita. “Puxa! até que enfim eu tinha entendido a história que eu queria contar. Fiquei contente: eu tinha certeza que agora o livro ia disparar. Desatei a imaginar uma cena atrás da outra” (BOJUNGA, 2018, p. 43).

O trecho, acima, sugere um importante momento na obra, quando a narradora compreende o encontro das três (Ana Paz). Além disso, evidencia a prerrogativa de um enredo em que a sua criadora também está imersa. Então, entender a história a ser contada, também remete ao entendimento de si pela narradora.

A experiência gerada por essa dinâmica de encontros entre o ser ficcional e quem o descreve, parte, sobretudo, da atmosfera contemporânea em lançar mão de recursos que esboçam a arte literária sem amarras. Tanto é que a narradora não tem medo de expor as suas fragilidades. Pelo contrário, ela se permite ser construída nesse processo.

Quando se fala em experimentação estética na literatura contemporânea é, justamente, o confronto com novas demandas que o texto literário congrega. É uma produção que acaba desviando dos processos estabelecidos outrora, rompendo com as características mantidas por movimentos literários anteriores, mas, de alguma forma, acaba dialogando com todos eles numa conjuntura diferente. Trata-se do distanciamento da busca por uma definição, em que o arranjo estético (como é produzida) passa por constante transformação.

Esse jogo com a obra literária, bem como a maneira com a qual as personagens são construídas na obra, misturam-se em certo ponto com a ideia do texto em estilhaços. A aproximação demarcada pelo contato entre o narrador e a personagem demonstra não haver limites entre ambos, as suas fronteiras são derrubadas. Dessa via de mão dupla que os aproxima, eis que surge os desafios para dar sentido a obra, pois, é aparente que o controle sobre o percurso delineado na narrativa não mais existe aqui, tudo flui conforme o contexto e as pretensões dessa aproximação.

Adentrando ainda mais nas características do contemporâneo na obra de Lygia Bojunga, é pertinente ressaltar a realidade fragmentada, tendo em vista que

perpassa pela necessidade de expor como o indivíduo consegue estabelecer suas relações. Traça uma abordagem que permite ao leitor colocar-se na obra, sem obrigatoriamente compor um aspecto puramente representativo de uma realidade pronta e acabada.

Nessa via de abordagem, seus textos partilham de situações que promovem o mergulho em conflitos que envolvem a fantasia, de modo que realidade e ficção se cruzam, constituindo uma marca de criação de seu estilo literário.

Esse argumento corrobora com a rejeição à ideia de totalidade, discutida por Tânia Pellegrini. A pesquisadora vê “a fragmentação como a única forma possível de representação” (PELLEGRINI, 2007, p. 154), fator preponderante que permeia o enredo de *Fazendo Ana Paz*, cuja experiência a ser narrada parte de uma complexidade de fatores, de estilhaços que depreendem de uma profundidade além do objeto escrito e descrito. A partir disso, o caráter de distanciamento de uma mera representação das coisas abre espaço para o ambiente da ficção, de um arranjo dotado de sentidos e desafios a serem enfrentados.

Em face dessa perspectiva, *Fazendo Ana Paz* insere-se no rol de debates acerca da literatura contemporânea, por dispor de elementos que não só a enquadram nessa abordagem, mas, sobretudo oportunizam verificar esse mergulho na incerteza, numa visão que ultrapassa o utilitarismo. A profundidade que a narrativa contempla faz parte de uma estrutura em fraturas, em que o objeto literário não é dado de maneira clara, de entendimento totalmente aberto, sua complexidade abrange um público leitor totalmente diversificado em suas particularidades.

Diante desse contexto, a literatura contemporânea não exclui a dimensão pessoal e íntima, e ao escritor cabe ressaltar a experiência subjetiva em meio a realidade exterior (SCHOLLHAMMER, 2009). O homem tem sua vida descrita no cerne de uma conjuntura permeada por transformações, em que suas frustrações desencadeiam enredos com as mais variadas temáticas.

O processo de escrita de Lygia Bojunga insere-se nessa premissa, em não manter um compromisso com a realidade, embora sua produção acabe tratando indiretamente com esse processo conflituoso. A representação aqui, está longe de refletir uma conduta de cópia ou modulação com o real, pois, trata de uma prerrogativa de juntar pedaços, de estabelecer pontes entre eles.

Pellegrini (2007) ressalta que a literatura contemporânea encontra-se inserida nas produções a partir do regime militar, tendo em vista as inúmeras e intensas

transformações ocorridas durante esse período. Isso reverbera de maneira acentuada na forma como a literatura floresce e acaba sendo recebida, apresentando uma possibilidade de temáticas como pano de fundo e sua evidente fragmentação.

Nesse âmbito, *Fazendo Ana Paz* é cercada por uma conjuntura ideológica, social e histórica, embora esse não seja o foco principal da narrativa. O ambiente externo permite um entrelace com a maneira de expor os desafios em compor a escrita literária, dialogando direta ou indiretamente com o cenário político do país. A memória fragmentada é evidente na obra, e levanta indícios de que o contexto em que o pai de Ana Paz e sua família estavam inseridos faz parte de um sistema de repressão. As palavras “eles tão aí, eles tão aí!” (BOJUNGA, 2018, p. 18), denota a referência ao momento em que os militares invadem a sua casa e capturam o pai.

Esse recorte histórico e social presente na obra coaduna com o fato de o pai de Ana Paz ser um dos organizadores do primeiro sindicato de trabalhadores rurais do Rio Grande do Sul, de tal modo que sofreu constante perseguição pelo seu posicionamento e seus manifestos. Nota-se que, a figura paterna e o lugar em que a personagem viveu durante sua infância, corroboram com o estopim para o desenrolar da trama. As suas memórias, partem desse trauma ocasionado pela partida do pai, tendo em vista as suas ações durante esse processo no país.

Baseado nisso, é importante salientar que a obra apodera-se desse aspecto externo para retratar o processo memorialístico, bem como a construção da identidade da personagem Ana Paz, personificada pela figura da narradora/personagem. Eis a urgência em retomar ao passado, de modo a encontrar as respostas sobre sua vida permeada pelas intensas dúvidas e incertezas que cercam a protagonista. Então, a casa e os processos revividos nela, passam a ser esse espaço em que a memória se esconde, resistindo ao tempo e mantendo sua história preservada.

Fazendo Ana Paz vai além da construção de um enredo com forte teor histórico. Sua amplitude é bem maior e bastante característica da própria produção contemporânea. Estabelece uma escrita que parte de algum elemento de referência, mas o expõe difusamente. Nesse intento, a realidade dessa abordagem é marcada por essa ideia de obscuro, de uma situação caótica. É uma escrita que diz nas entrelinhas o que veio propor, sendo a memória um dos elementos de destaque, como reflete Tânia Pellegrini (2001, p. 81).

O traço predominante, à primeira vista, parece ser a referencialidade, o que inclui todas as formas de realismo: fantástico, alegórico, jornalístico, etc. De fato, proliferam os “romances-reportagem”, as biografias, os depoimentos, as memórias, a chamada “literatura-verdade”.

Ela parte de um aspecto, de um momento para se compor, depreendendo, posteriormente uma diversidade de situações que dialogam com o cerne de uma realidade fragmentada. Assim, Ana Paz tem como norte a morte do pai, o ápice da trama, porém, a partir disso muitas outras questões decorrem em sua vida, de tal modo que ela carrega esse fato como a possível explicação para encontrar-se tão perdida em sua própria história.

Nesse viés, isso estabelece relação com o que Pellegrini (2001) ressaltava sobre esse importante aspecto que compreende o âmbito da literatura contemporânea, em não delimitar a presença de uma tendência geral na produção literária. É forte a discussão sobre uma espécie de realidade escamoteada, mas, também, é perceptível as nuances que partem dessa preocupação com a estética e com a experimentação na literatura.

No que trata do utilitarismo deixado de lado na obra, é pertinente compreender que *Fazendo Ana Paz* não surge com a intenção de levantar “mocinhos ou vilões”, ela se apropria do contexto para levantar suas personagens, dotadas, sobretudo de características humanas, com falhas e defeitos como qualquer outro. O pai da protagonista é um exemplo claro disso, apresentado por meio da fragmentação. A narradora não consegue construir sua imagem, e isso faz parte do percurso natural da escrita literária.

Esse pai é dialético! É só ele aparecer no caderno que ele começa logo a querer fazer a cabeça da Ana Paz. [...] Resolvi fazer um outro pai. [...] Era um pai superfechado. Fiz um outro pai. Dessa vez suave, boa praça, gostando de contar piadas. [...] Resolvi experimentar um pai sonhador, romântico: em vez de fazer, ele sonhava com tudo que ele ia fazer. [...] Fui ficando um pouco desesperada. Mas acabei achando que eu tinha achado o pai que o Pai ia ser. Ele ia ser um pai de todo dia, um pai incoerente (BOJUNGA, 2018, p. 59-60).

Diante dessa perspectiva, *Fazendo Ana Paz* oportuniza o encontro com a questão da referencialidade, dos aspectos de sua fragmentação evidente, da mesma forma que também dispõe dessa abertura para o âmbito criativo e estético. A estrutura

que compõe a narrativa tem sua identidade própria. Até mesmo a disposição do texto constitui-se por essa fusão entre o imaginário e o real, há traços de ambos e mais parece um livro diário, com letras e formas tão íntimas de quem as compôs.

Um elemento importante na obra é a presença da seção intitulada *Pra você que me lê*, que aproxima a narrativa a aspectos da realidade, como se fosse uma justificativa de tudo que envolve a trama (LUIZ; FEBA, 2014). Nela, são mostradas situações que serviram de inspiração para a construção do enredo, ou mesmo a explicitação de cenários fictícios. Esse recurso é uma marca na obra de Lygia Bojunga, algo único, despertando a curiosidade do leitor em não saber até que ponto as informações contidas ali são frutos da realidade ou do caráter fictício da obra.

Tempos atrás eu inventei este espaço, que é só nosso, e que eu chamei de *Pra você que me lê*. É aqui que eu venho te contar um ou outro episódio da minha vida, ligado ao livro que você tem na mão (BOJUNGA, 2018, p. 9, grifo do autor).

A seção remete a estratégia com o jogo literário, misturando os elementos narrativos com a potência da palavra em apropriar-se daquilo que a convém. Um espaço criado para mostrar a liberdade dos elementos que se encontram entrelaçados no texto. Talvez, este, seja um dos pontos cruciais da contemporaneidade, articular o objeto literário sem a pretensão de atender a uma forma. É como se a narradora tivesse a intenção de trilhar, com o leitor, a feitura do livro, os caminhos percorridos para o seu nascimento.

Em *Fazendo Ana Paz* esse artifício é bem representado pelas ligações expostas na seção, trazendo elementos que dialogam com a obra e com o caráter realista dessa composição. As ilustrações, as temáticas, as imagens descritas, esboçam alguns dos exemplos que constituem essa importante e diferenciada forma de dialogar com o leitor sobre as trilhas do texto literário.

Apesar de o livro trazer elementos autobiográficos, não se trata de uma cópia fiel ou representação pura do real, trata-se de uma composição que dialoga entre a realidade e a ficção, uma das marcas de sua originalidade estética de Lygia Bojunga.

Nesse sentido, tomando por base a tessitura da obra, a seção encontra-se delimitada entre elementos que dão indícios de uma autobiografia, ao mesmo tempo, entrecruzados com uma voz que pode ser fruto de um narrador fictício, criado apenas para dar vida a este espaço do livro. Percebe-se, então, uma possibilidade de tentar

convencer o leitor a crer na veracidade do que foi colocado no papel, extrapolando os limites da narrativa, em tempo que também oportuniza um distanciamento dessas informações, o que acaba prendendo ainda mais a atenção do leitor em tentar desvendar os mistérios que cercam essa composição, levando-o a tomar uma posição diante dos fatos apresentados.

A tessitura da obra permite mostrar o quão profunda é a relação dessa abordagem com os componentes de uma literatura madura e disposta numa dinâmica em que o jogo narrativo, a metalinguagem e a fragmentação denotam o cenário típico do homem contemporâneo e suas inquietações.

Essa perspectiva levantada na obra, por conseguinte, sua quebra, permite abrir um parêntese sobre o que Agamben (2009, p. 65) reflete ao dizer: “o presente que a contemporaneidade percebe tem as vértebras quebradas. [...] O seu dorso está fraturado, e nós nos mantemos exatamente no ponto da fratura”. Assim, a ideia de contemporaneidade não está firmada por um tempo cronológico, mas sim pelo viés da transformação, em não ceder aos velhos padrões, mas sim, jogar-se no escuro que a literatura contemporânea representa.

Fazendo Ana Paz pode ser compreendida a partir de uma integração com a perspectiva social aliada ao reconhecimento de si, bem como dos processos que envolvem essa pretensa relação com as características do contemporâneo. A obra depreende de um processo narrativo, em que a presença / ausência pode acabar sendo uma das particularidades, além de expor um mergulho no obscuro, no incerto, que também é característica dessa produção contemporânea, como mencionado inicialmente.

Contudo, refletir acerca de *Fazendo Ana Paz* e de suas características contemporâneas, oportuniza a abordagem sobre diversas formas de ver e entender o processo de criação literária. A manipulação da linguagem está intimamente relacionada com essa perspectiva de inovação, de ruptura com padrões. O jogo com a experimentação não obedece regras claras e definidas, tudo é somado aos espaços vazios que cabe ao leitor preencher e dar sentido, definido dentro de um contexto que pode ser facilmente variável.

3 SOBRE A MEMÓRIA EM *FAZENDO ANA PAZ*

O universo de estudo sobre a memória é vasto, de tal modo que suas implicações demandam de uma apurada reflexão sobre lembranças e, conseqüentemente, o processo rememorativo. Falar de memória, antes de tudo, é tratar de aspectos conceituais, de diferentes abordagens, sejam elas de cunhos filosóficas, sociológicas, psicológicas, discutidas ao longo do tempo pelos mais variados estudiosos da área.

Seja qual for o contexto de discussão, o fato é que a memória decorre da capacidade em compreender princípios e suas respectivas articulações com o passado. Significa dizer que, os estudos memorialísticos traçam abordagens que podem ser aproximadas ou até gerar confrontos, uma vez que cada teórico segue sua linha de pensamento específico.

Nesse sentido, ao levantar os estudos que tratam da memória, é de suma importância ter consciência de que não há uma teoria absoluta e única que consiga dar conta do processo que a envolve. Por outro lado, é necessário percorrer alguns postulados de estudiosos da área para tentar entender como esta decorre, sobretudo aqueles que apresentam conteúdo dialógico com a temática investigada na pesquisa.

A memória encontra-se arraigada em situações e experiências que decorrem de um emaranhado de fatos que marcam a vida de quem rememora, fato este preponderante em *Fazendo Ana Paz*. As lembranças levantadas na trama representam o reconhecimento de si por meio do passado, por uma conexão estabelecida em torno do lugar de origem e, conseqüentemente, trajetória de Ana Paz.

O processo rememorativo que emerge da obra evidencia o diálogo do passado a partir das marcas retidas em Ana Paz, uma personagem feita de pedaços e incompreensões sobre si e o mundo que a rodeia. As informações a respeito de sua vida são estabelecidas pelas lembranças, bem como pelos impactos destas sobre a personagem.

Desse modo, o presente capítulo propõe discutir acerca dos estudos da memória, fazendo jus ao entrelace com a obra *Fazendo Ana Paz*, de Lygia Bojunga. A discussão dar-se-á em torno dos aspectos da memória, seus possíveis entendimentos, como o passado exerce influência sobre o presente, além da construção da personagem dentro desse processo de rememoração.

3.1 Reflexões sobre memória

As reflexões acerca da memória depreendem um longo e árduo caminho a ser percorrido. Os estudos que fomentam o seu entendimento são compostos por diversas facetas, visto que cada teórico possui uma forma de apresentá-la.

Num primeiro momento, sabe-se que a memória tem origem a partir da figura mitológica da deusa *Mnemosine* (Grécia) ou *Moneta* (Roma), considerada como a detentora do saber e da base do pensamento, responsável por transportar os poetas ao passado e, assim, immortalizar seus feitos e escritos por meio da palavra, para que jamais fossem acometidos pelo esquecimento, o que significaria o seu fim (ROSARIO, 2002). Era por meio da memória que as civilizações mantinham sua história, preservando o registro de tudo que as compunham.

A representação de *Mnemosine*, é antes de tudo, a personificação da memória. Sua função advém da intenção de conservar a cultura, os valores, ensinamentos, ligados ao indivíduo e sua coletividade (ROSARIO, 2002). A capacidade de lembrar é uma das características da racionalidade humana, conferindo-lhe poder sobre as demais espécies e, sobretudo, dando a possibilidade de ter contato com essas lembranças a qualquer instante.

Tomando por base os princípios de Santo Agostinho (1980), a memória mantém os tesouros das infinitas imagens trazidas por meio das percepções. Adentrar nesse universo significa cruzar um caminho com aquilo que o homem precisa e quer lembrar, a partir das imagens e seus sentidos. É como se tudo permanecesse guardado, uma espécie de baú da memória, preservando o que há de mais precioso.

O grande receptáculo da memória – sinuosidades secretas e inefáveis, onde tudo entra pelas portas respectivas e se aloja sem confusão – recebe todas estas impressões, para as recordar e revisitar quando for necessário. Todavia, não são os próprios objetos que entram, mas as suas imagens: imagens das coisas sensíveis, sempre prestes a oferecer-se ao pensamento que as recorda (AGOSTINHO, 1980, p. 213).

Esse primeiro aspecto da memória pode ser entendido como uma maneira de preservar aquilo que passou, como deixa claro a citação ao deslocar o sujeito que relembra em meio a um mundo de sensações, ou seja, todos os fatos, marcos e

situações que estão atrelados ao passado partilham de um mesmo local de alcance, o que muda são as impressões sobre esse dado objeto.

Ainda conforme Agostinho (1980) o palácio da memória, como assim nomeia, depreende de todas as formas e sentidos, de todos os cheiros e gostos, fazendo com que as imagens representadas atravessem o campo das percepções. As recordações trazem de tudo um pouco, despertadas e reconstruídas pelas experiências de si e dos outros, uma espécie de testemunho do vivido. É como se a memória fosse parte do próprio ser, deixando impressões que irradiam pelo corpo e alma desse ser pensante.

Fica evidente que o passado é mais que simples lembranças soltas, pois, faz parte da história, da vida de quem rememora. Compreende um processo contínuo de reconstrução, atrelado ao momento atual, a um presente norteado por uma série de relações, consolidadas seja no âmbito individual, quanto no coletivo. Tais relações integram um conjunto de fatores que fazem parte da dinâmica social. São imagens que resultam de um conglomerado de informações que acompanham o decurso do tempo, estabelecendo relação entre os diferentes momentos da vida.

No processo de rememoração o sujeito estabelece contato com as imagens passadas (AGOSTINHO, 1980), não sendo uma representação fiel do vivido. Sua função está para além disso, pois envolve aspectos que pairam sobre o espírito também, podendo trazer perturbações, conflitos e/ou situações não resolvidas, que, por vezes, são acompanhadas pela busca de tentar esquecer-las, de apagá-las da mente.

Segundo Izquierdo (2011) a memória corresponde a uma forma de conservação e evocação de informações, de modo que pertence a uma categoria de aprendizagem, ou seja, o indivíduo consegue relembrar conforme o que ficou retido em seu acervo de lembranças. É no cérebro que ficam armazenados os dados e episódios que precisam ser rememorados, e o conjunto dessas memórias caracterizam a personalidade de quem lembra, assim o indivíduo é formado por suas memórias.

É a partir do acervo de dados pessoais que o homem consegue projetar o seu futuro, dele depende também as condições que expressam o seu presente. A memória atua como elemento indispensável no entendimento de si, na construção da vida. Cada indivíduo possui suas experiências, seu aprendizado, tornando-o um ser único no mundo. Ainda que essas experiências sejam comuns, a maneira como estas

incidem sobre cada ser humano difere, sendo ressignificada conforme os seus interesses e anseios.

A coleção pessoal de lembranças de cada indivíduo é distinta das demais, é única. Todos recordamos nossos pais, mas os pais de cada um de nós foram diferentes. Todos recordamos, geralmente vaga mas prazerosamente, a casa onde passamos nossa primeira infância; mas a infância de uns foi mais feliz que a de outros, e as casas de alguns desafortunados trazem más lembranças. Todos recordamos nossa rua, mas a rua de cada um foi diferente. Eu sou quem sou, cada um é quem é, porque todos lembramos de coisas que nos são próprias e exclusivas e não pertencem a mais ninguém (IZQUIERDO, 2011, p. 9).

É com base nessa forma de compreensão da memória que o indivíduo desenvolve a sua personalidade, mas também, é em razão disso que se tem a necessidade de estabelecer relações com o outro. O homem não consegue viver isolado, por isso suas experiências e lembranças misturam-se ao complexo processo de reconhecimento de si, o que de alguma forma, seja direta ou indireta, o conduz para a interação entre os membros do grupo ao qual pertence.

A maneira como as lembranças são evocadas, os hábitos, gostos e costumes acabam sendo os responsáveis pela afinidade a ser firmada entre os sujeitos que fazem parte do grupo, do ambiente em que partilham. As experiências individuais somam-se umas às outras, formando laços e, ao mesmo tempo, criando uma cadeia coletiva de ações, modos de agir e pensar.

Apropriando-se das concepções de Halbwachs (2006) é compreensível que a memória ganha destaque por uma abordagem constituída no cerne das relações sociais, indo em contraponto com a ideia de algo situado apenas no campo individual e particular. Assim, a memória individual existe, mas a maneira como esta é concretizada advém do enraizamento de contextos simultâneos que acabam aproximando-se ou distanciando-se por um instante; compreende parte da cadeia múltipla em que o indivíduo está envolvido, ou seja, da sociedade.

Nesse sentido, o processo rememorativo toma como apoio as experiências instituídas por meio de uma consciência coletiva, fazendo com que as lembranças estejam sempre numa constante entre os limites e as fronteiras desse pensamento, notadamente, coletivo. Cada sujeito toma para si aquilo que proporciona sentido para a sua vida, porém este não está imune às influências dos outros sujeitos. O modo

como as lembranças incidem sobre si, estão condicionadas ao que ele apreende e constitui como fruto de suas vivências.

Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando deste para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Esse pensamento implica no entendimento de que a memória encontra-se pautada em questões fomentadas no contexto social, a partir das experiências com o grupo a que se pertence, de modo que cada indivíduo apresenta seu leque de lembranças a serem retomadas e que pertencem à memória individual. Isso significa que nem sempre os quadros recordados serão de todo ressignificados de maneira coletiva.

No entanto, Halbwachs adverte que as recordações do grupo são importantes para ajudar a reconstituir lembranças individuais. Desse modo, a memória tende a ser reconstruída por meio do poder das influências, da materialização de fatos que fazem parte dessa consciência coletiva e que, de alguma forma, apresentam impacto direto na vida de quem rememora, tendo em vista sua natureza ser social.

É difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações eram apenas reflexos dos objetos exteriores, em que não misturássemos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos ligavam a outras pessoas e aos grupos que nos rodeavam. Não nos lembramos de nossa primeira infância porque nossas impressões não se ligam a nenhuma base enquanto ainda não nos tornamos um ser social (HALBWACHS, 2006, p. 43).

Nessa conjuntura, as lembranças estão na base do contexto social, no que corresponde aos aspectos evocados pelo grupo, sejam em relação ao espaço, o tempo, bem como outros exemplos com implicações nas vivências. O passado é reconstruído a partir das relações estabelecidas em torno da comunidade, e também, dos mecanismos que decorrem de um presente dinâmico e que sofre reformulação a todo momento.

A memória encontra-se condicionada a diversos fatores que fazem parte da esfera social, corroborando com uma realidade em que as lembranças tomam emprestado do ambiente os elementos indispensáveis para a sua construção de sentido e de sua realização.

A memória é um processo ativo, perfazendo as condições que regem a construção da identidade do indivíduo e suas relações (IZQUIERDO, 2011). Isso implica dizer que, tudo aquilo que permeia o vasto campo das lembranças não será validado apenas pelo que foi retomado, mas, sobretudo pelos variados contextos nos quais as lembranças foram desencadeadas, a partir da interação com o ambiente, bem como da própria importância que cada uma delas assume para quem relembra.

É nessa conjuntura que Ana Paz se firma para ir ao encontro com seu passado. Ela sente a necessidade de voltar ao lugar de infância, retomar as primeiras lembranças, bem como as relações estabelecidas em torno delas. A personagem passa a entender sua história com base naquilo que ficou conservado, a partir do contexto em que esta se encontrava inserida outrora. As condições para que a rememoração aconteça é, justamente, o mergulho que faz nas origens. Uma necessidade como se ao adentrar em sua antiga casa todas as memórias comesçassem a fluir naturalmente, por meio do contato com objetos, imagens, aflorando sensações nela, no momento da rememoração.

Segundo Candau (2012) a memória possui uma forte relação entre o passado e o presente. Há um engajamento em reunir as informações estabelecidas pelo contato com as lembranças, assim a necessidade de atendimento de demandas, que podem ser até mesmo instituídas pela perspectiva de um futuro, algo que ultrapassa a noção prévia dessa relação.

O sujeito que retoma suas memórias mergulha num cenário completamente desafiador, haja vista ser do seu passado que dispõe a conjuntura delineada em seu presente, formando sua personalidade, e mais que isso, sua identidade.

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa (CANDAU, 2012, p. 16).

Com base no exposto, ao falar em memória, de uma forma ou de outra, se fala também em identidade, pois ambas partem de uma esfera que corrobora com a formação do indivíduo, de sua essência. É a partir da volta ao passado que o sujeito vai traçando os meandros de sua história, tomando consciência de seu papel no mundo. Não obstante, há uma ambivalência no jogo identitário em que a memória ganha destaque, visto que nem sempre as lembranças e as imagens que o sujeito reconstrói de si, podem ser satisfatórias, o que acaba gerando um conflito.

É nessa conjuntura que *Fazendo Ana Paz* pode ser apreendida. A obra trata, justamente, do embate entre o eu e o mundo, lembranças que por vezes acalma, mas que também atormentam a mente da protagonista, colocando-a em um confronto com sua história de vida.

Dessa forma, Candau (2012, p. 61) assevera que “através da memória o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito (tanto no tempo como espaço) conferindo-lhe sentido”. Isso implica dizer que a memória está atrelada a uma necessidade de atender uma determinada situação e/ou intenção, ela está condicionada a um contexto. Notadamente, é nesse contexto que se encontram os traços da busca pela construção da identidade.

Os fragmentos dispostos pela memória condensam as informações que decorrem dessa necessidade de reconstrução e, sobretudo de reconhecimento de si. A memória não se encontra isolada, fundamenta-se nas experiências vividas e nos seus amplos sentidos. Com isso, ao discutir seus aspectos e relações é de suma importância perceber que o indivíduo faz parte de um conglomerado de situações que o moldam e que as lembranças desse indivíduo também acabam sendo moldadas conforme os impactos do presente.

Para Bergson (1999) a memória é entendida como parte de um processo de apreensão de imagens, sendo estas consideradas como parte da própria constituição do indivíduo. A memória encontra-se conservada no interior do ser e o corpo tem o poder de acessá-la a qualquer momento, porém nunca será de todo completa, sua realização será sempre fragmentada. Sua tese contempla a ideia de continuidade, um tempo particular ao ser, algo que transcende a simples representação da realidade, o que ele chama duração, ou seja, o prolongamento do passado no presente.

O presente disposto pelo autor nada mais é que a maneira mais contraída do passado, equivale a elementos que tecem a conjuntura temporal; é a coexistência de informações atualizadas conforme um tempo uno e impessoal. Significa dizer que a

memória é o passado dilatado, ou seja, propagado em meio à evolução por meio de desdobramentos e dissociações ocorridas através das experiências vividas.

Em razão disso, a teoria de Bergson (1999) fundamenta-se numa memória que advém de uma relação intrínseca ao estado da percepção, condição já defendida por Santo Agostinho (1980). Com isso, a percepção está diretamente associada às lembranças que vão sendo completadas e interpretadas de acordo como são apreendidas, selecionando-as e atualizando-as.

Na verdade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada. Na maioria das vezes, estas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais não retemos então mais que algumas indicações, simples signos destinados a nos trazerem à memória antigas imagens (BERGSON, 1999, p. 30).

As marcas do passado sobre o presente é o que aproxima o estado de percepção das coisas e mistura-se a tudo aquilo do qual deriva as lembranças. O deslocamento faz referência ao modo como a mente atua sobre o corpo, cujas imagens que vão surgindo correspondem ao emaranhado de informações que o indivíduo vai carregando ao longo do tempo e, que em determinado momento volta a fazer parte de seu presente, ainda que modificadamente.

Fica evidente, então, que a percepção como realidade cruza um caminho bastante escorregadio, pois, a forma de perceber o passado pode ser substituída por imagens de uma consciência adulta, que se constitui basicamente por traços de um presente moldado a interesses próprios, ou mesmo ilusões dos mais variados contextos. Essa arbitrariedade disposta pela percepção não exclui que há também uma impessoalidade que se mistura às experiências e ao conhecimento sobre si e o universo exterior.

Os acidentes individuais estão enxertados nessa percepção impessoal, que essa percepção está na própria base de nosso conhecimento das coisas, e que é por havê-la desconhecido, por não a ter distinguido daquilo que a memória acrescenta ou suprime nela, que se fez da percepção inteira uma espécie de visão interior e subjetiva, que só se diferenciaria da lembrança por sua maior intensidade (BERGSON, 1999, p. 31).

Dessa mistura entre o acúmulo de experiências e a percepção impessoal a duração volta a ser retomada como elemento crucial a ser refletido, tendo em vista o esforço que a memória realiza indo ao encontro com uma infinidade de acontecimentos que marcaram cada lembrança. Isso implica dizer que, cada lembrança terá seu grau de importância, apresentada com maior ou menor intensidade, ou seja, a sua duração.

Nesse viés, a memória é operada em torno das percepções que pairam sobre o ser e a forma como é expressa. Acaba sendo entendida a partir de um embate de questões dispostas no âmbito do processo rememorativo, como se sua presença fosse além da matéria.

Contudo, a memória não se encontra encerrada numa única abordagem. É pertinente refletir que o processo de memorização é bem mais que voltar ao passado, há uma infinidade de questionamentos a serem colocadas em foco quando isso ocorre, pois, sua natureza é complexa e ressignificada conforme o contexto de sua realização.

Diante dessa perspectiva, é notório ressaltar a importância que o processo de memorização admite na obra *Fazendo Ana Paz*, visto que a trama é norteada pelas lembranças da protagonista Ana Paz, que mergulha no passado na tentativa de encontrar respostas sobre o seu presente, procurando entender um pouco mais de si mesma, da sua história. Suas lembranças vão surgindo gradualmente, por meio do contato com o seu lugar de origem, sua casa da infância, das relações estabelecidas com seus pais e de como estas influenciaram em sua trajetória.

3.2 O passado como firmamento do presente em *Fazendo Ana Paz*

Quando se fala em memória, o que vem à mente são situações que passaram e que correspondem a determinados momentos da vida que ficaram perdidas ao longo do tempo. De qualquer modo, é compreensível que a relação temporal não equivale à totalidade dos fatos, haja vista que as lembranças surgem como lampejos. O ser humano é dotado de lembranças que acabam sendo moldadas conforme o contexto de vida, o lugar em que se encontra, bem como as circunstâncias que o aproxima dos outros seres.

É notório refletir sobre como a memória é ressignificada na obra *Fazendo Ana Paz*. A narrativa é composta por uma teia de questões atreladas ao viés

memorialístico, expondo diversos fatores que corroboram com o processo de rememoração do vivido, fomentando, assim, uma constante reconstrução das situações que sobrevivem do passado.

Ana Paz é constituída, essencialmente, pela memória em fragmentos. Sua trajetória remonta à sua infância, procurando avaliar como se deu o seu desenvolvimento como pessoa, a partir da morte do pai, além disso, das demais experiências acumuladas durante toda a vida. Tudo isso, desemboca numa série de indagações feitas a seu respeito, na tentativa de entender o papel que o passado desempenhou na vida dela.

Tem-se uma protagonista desenvolvida a partir de uma perspectiva que não abrange uma categoria de sentido completo, ou seja, cada fragmento da obra condensa um estágio da vida de Ana Paz. Os fragmentos vão sendo reunidos de maneira gradual, dificultando ao leitor a compreensão dos fatos num primeiro momento. A narradora, por vezes, levanta indagações sobre a própria construção da narrativa, visto que são diversas situações urgindo por respostas, e não mantendo uma aparente relação.

Assim que eu me debrucei no caderno pra continuar escrevendo a Ana Paz, o meu lápis foi esbarrando numa pergunta atrás da outra: que perigo esse pai representava pra ter sido atacado desse jeito? Que tipo de mulher era a mãe? O que uma garotinha de oito anos feito a Ana Paz ia pensar duma tragédia assim? Uma interrogação ia puxando a outra e, lá pelas tantas, tchaaaaaa: a Ana Paz se afogou nesse mar de perguntas (BOJUNGA, 2018, p. 19).

Os questionamentos que a narradora faz a si mesma denota o movimento da memória presente na obra, tratando-se de uma perspectiva em processo contínuo. Todos os fatos que cercam a personagem fazem parte do seu passado, do trauma que as lembranças provocaram nela. O presente de Ana Paz é resultado de tudo aquilo que permeia o fio condutor da memória, partindo do pressuposto de que as lacunas deixadas ao longo do caminho fazem morada em sua história.

As lembranças desencadeadas na protagonista imprimem a substancialidade do caráter memorialístico, num envolvimento que perpassa o exercício da rememoração como marca de sua caminhada. A todo instante, Ana Paz faz uma espécie de apelo ao passado, colocando-se como um sujeito em espera constante por respostas para o presente.

Segundo Bergson (1999) as lembranças fluem do estado virtual, o sujeito as recebe e apropria-se das informações que lhe faz sentido. Ela passa da virtualidade para o estado atual, ganhando contornos delimitados pela percepção. Os pensamentos afloram segundo o que se percebe no presente; a memória desdobrada em aspectos que transcendem ao tempo.

De posse de suas lembranças, o sujeito tem a possibilidade de estabelecer sentidos e novos significados a elas. O embate entre as informações que as circundam depreende-se como o traço gerador da percepção, tendo em vista que as influências refletidas em cada lembrança acionam novas formas de compreensão sobre o passado.

Em *Fazendo Ana Paz* o passado coaduna-se com imagens formadas e articuladas conforme a intervenção da memória, esboçando um fenômeno entre as experiências ressignificadas e o jogo de sensações da protagonista. A partir delas, o presente é moldado às circunstâncias que o completam.

Bergson (1999) apodera-se da discussão acerca das imagens pretéritas e revela que o seu caráter é valorativo, incluindo a memória num processo de contração, num movimento constante de ir e vir.

Para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar. Talvez apenas o homem seja capaz de um esforço desse tipo. Também o passado que remontamos deste modo é escorregadio, sempre a ponto de nos escapar, como se essa memória regressiva fosse contrariada pela outra memória, mais natural, cujo movimento para diante nos leva a agir e a viver (BERGSON, 1999, p. 90).

As imagens correspondem a um âmbito multifacetado permeado pela abstração, nada flui somente na esfera concreta. Trata-se de questões que decorrem de um emaranhado de situações que compõem o indivíduo que rememora, situações estas que coexistem de diferentes formas, acrescidas ou refutadas ao longo do tempo pela consciência.

Cada imagem remete a sensações diversas, acoplando um rol de questões, noções e processos no indivíduo. Nem tudo que é percebido penetra na memória, porém, as imagens transmitidas oportunizam a recordação de aspectos que não ficaram inertes, atravessam o âmbito do reconhecimento.

Ao mesmo tempo, em que o presente se faz ouvir, deste também é preciso tomar distância, pois, a possibilidade de lembrar é determinada pelas condições do passado. O ato rememorativo é passível da ação de querer sonhar, ainda que em sua qualidade metafórica. Trata-se de adentrar num ambiente inquieto, também, por vezes ilusório, esboçando um caráter bilateral da memória. Ninguém lembra por um descuido, mas por uma intenção, um esforço em trazer aspectos de outrora para o momento em que se encontra.

As imagens ganham força em *Fazendo Ana Paz*, formando uma personagem brotada pela destituição de certezas, pois, nada é visto com os mesmos olhos de outrora. A fragmentação absorve questões que demandam atenção a todo instante, já que a personagem não é representada num momento único, são diferentes personalidades e faces que se apresentam ao longo da narrativa, confundido até mesmo o leitor, em tentar decifrar a voz que urge em dado momento.

A Ana Paz-menina, a moça que se apaixonou por Antônio e a idosa, três personalidades que resumem a mesma mulher marcada por conflitos, pessoas e do lugar de pertencimento. A tríade forma um ser único, porém diverso, sugerindo a mistura de experiências distintas que mantém relação de aderência e afastamento, de acordo com cada contexto do passado.

As imagens que compõem a tríade falam bem mais que a narração propriamente dita, pois, exprimem o encontro de almas num espaço simbólico, que traz, ao mesmo tempo, paz e desassossego. Um exemplo dessa realidade se dá pelo diálogo entre Ana Paz moça e a idosa, aventurando descobrir mais a fundo algumas informações sobre si mesma. Na oportunidade, a narradora, também mostra a sua participação na conversa.

A moça-que-se-apaixonou-pelo-Antônio começou a se ocupar de lenha, graveto e abano. Quando o fogo pegou, ela sentou perto da velha e as duas ficaram olhando pro fogo. As duas, não: nós três: eu também estava parada na minha mesa, lápis parado, olho perdido no fogão de lenha; e a gente ficou assim um tempão. E aí eu saquei o que que as três personagens tinham a ver uma com a outra. Mais que depressa eu fiz a velha perguntar:

- Quando foi que você se perdeu da Ana Paz?

E a Moça respondeu (direitinho) o que eu tinha acabado de sacar:

- No dia que eu me apaixonei pelo Antônio. (BOJUNGA, 2018, p. 41).

O trecho expõe a decepção ocasionada por Antônio, um amor da mocidade que não ganha muita notoriedade na obra, aparecendo raras vezes. Porém, deixa uma

lacuna importante na vida de Ana Paz, pois da relação com ele a protagonista sente que desobedeceu ao pai, percorrendo caminhos tortos na vida. Não fica claro os impactos da relação, apenas que o arrependimento de tê-lo conhecido.

Desse modo, a evocação de imagens tangencia a reflexão acerca da conduta conflituosa do passado, demandando que o indivíduo encontre um elo entre suas percepções e o que, de fato, corresponde à resignificação das experiências vivenciadas. Para tanto, Bergson (1999) mostra como a relação das lembranças marcam o embate entre passado e presente.

Mas existe bem mais, entre o passado e o presente, que uma diferença de grau. Meu presente é aquilo que me interessa, o que vive para mim e, para dizer tudo, o que me impele à ação, enquanto meu passado é essencialmente impotente. Detenhamos-nesse ponto. [...] Seria inútil, com efeito, tentarmos caracterizar a lembrança de um estado passado se não começássemos por definir a marca concreta, aceita pela consciência, da realidade presente (BERGSON, 1999, p. 160-161).

As lembranças transitam num jogo perigoso e abstrato, em que é esperado uma reação para cada ação do presente. Não obstante, a realidade vivenciada no agora é crucial para o entendimento das marcas passadas, bem como para que sirva de ponto de partida para a recordação. Tudo, mais uma vez, parte das influências que regem as nuances do paradoxo em que a memória é o centro.

Se em *Fazendo Ana Paz* o passado é evidente, de tal modo não se pode desprender-se do presente. A protagonista reflete um sujeito integrado pela memória, sobrepondo as vivências ao que as lembranças podem representar no caminho que percorre. Do prolongamento do passado no presente são operados os acontecimentos integrantes de sua existência.

Ela se volta para o passado justamente para entender que motivos a trouxeram até ali, seu presente, onde ela se perdeu, “quando ela chega no inverno da vida ela vai sentir a urgência de voltar para a casa onde ela nasceu [...] vai querer juntar os pedaços dela, vai querer se encontrar com a menina e a moça que ela foi” (BOJUNGA, 2018, p.42).

O inverno da vida corresponde ao momento presente de Ana Paz, em sua condição de idosa que sai do Rio de Janeiro e retorna ao Rio Grande do Sul para reencontrar a casa da infância, bem como as lembranças que comportam a sua existência. Ela percebe que somente após o reencontro com o passado sua vida terá

sentido, haja vista que suprirá as lacunas que ficaram abertas durante o tempo percorrido.

Da inconstância que se tem sobre a relação da temporalidade e da forma como as imagens são percebidas, Bergson (1999, p. 161) questiona: “o que é, para mim, o momento presente? É próprio do tempo decorrer; o tempo já decorrido é o passado, e chamamos presente o instante em que ele decorre”. O instante³ a que se refere não é cabível no sentido matemático ou cronológico, mas aquele que admite conceber as lembranças na esfera da duração. Assim, o presente tem mais a ver com a percepção do estado psicológico, do que com sua própria realização.

Nesse âmbito, o que dura remete às circunstâncias de um tempo passado presentificado pela representação do que as imagens dispõem, bem como da maneira como são atualizadas. Aquilo que ocorre no presente tem muito do passado impregnado, entretanto, jamais será manifestado em todos os detalhes como foi outrora, pois, pode ser alterada pela experiência.

As sensações que o indivíduo carrega sobre um fato atuam como agentes articuladores entre a memória, a percepção e a experiência. É como se as lembranças fossem constitutivas de uma projeção sobre o hoje, dispondo de um caráter que passa por atualização e permite que o passado seja reconstituído.

Ecléa Bosi (2003), na mesma linha de Halbwachs (2006), defende que o presente estabelece um diálogo inseparável com o passado, tendo em vista, sobretudo, as experiências coletivas. Ana Paz associa suas lembranças aos impactos que os outros causaram em seu espírito. O ato rememorativo, assim, inclui o pai, a mãe, o amor da juventude e a casa. Suas lembranças não surgem do acaso, pelo contrário, mantém ligação direta com os vários contextos que a circundam.

Ainda, segundo Bosi (2003), o presente não pode ser entendido apenas dentro de uma visão única e fechada, como algo centrado no agora. Cada lembrança configura-se como a junção dos fatores que formam a memória. Um processo que vai sendo construído a partir do ato de recordar, alicerçado no tempo, responsável por condensar a memória e a maneira como esta é ressignificada.

³ Quando Bergson (1999) levanta a questão da duração relacionando-a com o passado e o presente, ele se apropria do instante como base para sua tese. O instante proposto por ele, nada mais é que o momento no qual o presente se firma, se concretiza. Já que o passado é mais latente e é sempre atualizado, o presente precisa de mecanismos que assegurem sua presença. Ora, o passado mesmo imediato será percebido, mas o presente não.

Bosi assemelha a rememoração como uma força, algo que transita em tudo que corresponde ao passado e toma conta do indivíduo.

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando com as percepções imediatas, como também empurra, *descola* estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 2003, p. 36).

O passado funde-se ao presente, através de um emaranhado de informações e experiências tendo por base a percepção. A memória integra o sujeito às experiências presentes, estas abrangem uma esfera mais ampla que é de suscitar o vivido. Assim, as imagens presentes invadem a consciência, com base na força subjetiva que a memória dispõe.

Cada fato rememorado forma uma rede de imagens, as quais entrelaçam um jogo contínuo de sobrevivência, um movimento que corresponde ao desenho da memória na mente. A percepção, mais uma vez, ganha destaque, pois, tem o papel de ampliar ou restringir o rol de possibilidades sobre o que foi retomado, as lembranças compõem um cenário que integra e completa as lacunas deixadas pelo tempo.

O pensamento de Bosi (2003) também se articula ao de Bergson (1999) ao afirmar que a memória engloba os diferentes estágios da percepção, articulando passado e presente. Nesse sentido, “o afloramento do passado se combina com o processo corporal presente da percepção” (BOSI, 2003, p. 36). O passado alia-se ao presente como uma constituição que, embora, tenha suas singularidades acabam transcorrendo o tempo, por isso, também apresentam suas semelhanças.

Em *Fazendo Ana Paz* as lembranças são expostas inquietamente, norteadas por dúvidas e tropeços da história da protagonista. Os fragmentos da vida vão sendo juntados aos poucos, mas nem tudo apresenta um sentido real para ela, por isso reflete sobre o vivido na tentativa de compreensão sobre si mesma. Algumas informações são obtidas de maneira desconexa, isso implica no caráter assistemático da memória, em não conseguir reconstituir o vivido de maneira organizada, linear.

A protagonista manifesta o interesse em saber mais, de descortinar os acontecimentos que estão impregnados em sua memória. Isso não garante que ela encontre todas as respostas e, conseqüentemente, tenha suas angústias sanadas,

mas a aproxima de uma realidade mais significativa para o processo de reconhecimento que a envolve.

A morte do pai de Ana Paz, por exemplo, é algo que não fica claro, nem mesmo sua caracterização na obra, visto que a narradora não consegue criar uma imagem concreta para ele, não tendo uma descrição mais clara na narrativa. As poucas lembranças da protagonista fazem menção às viagens realizadas pelo pai, bem como os pequenos momentos de manifestação de carinho entre ambos. A incompletude do pai é mencionada pela narradora, ao admitir que não consegue estabelecer sua presença além da cena de sua partida, como fica evidente no trecho “a cena que eu estava fazendo se partia, o Pai me escapava, voltava pra morte dele” (BOJUNGA, 2018, p. 58).

Da relação com o pai, a protagonista manifesta o quão fundamental foi sua presença na infância, efetuando sempre pequenas aberturas na narrativa para falar da recordação que o compreende. Os fatos que circulam em torno da figura paterna e da carência de informações sobre ele, compreendem boa parte da obra. A partir dele e da casa da infância, as lembranças da protagonista vão ganhando vida e sendo incorporadas ao presente.

Em *Fazendo Ana Paz* há uma cadência marcada pelo movimento de ir e vir, colocando em destaque as fronteiras que a memória cruza; um eu que fala, sente e sofre as consequências do passado, mergulhando em dúvidas e incertezas diante de si. A história de Ana Paz traz para o centro da discussão os traços que a memória é capaz de fomentar no indivíduo, evidenciando a relação entre as experiências pretéritas com as do presente.

– O meu pai me ensinou a fazer conta. Ontem a gente contou que faltam quatro meses pra eu fazer oito anos. O meu pai é que corta a minha unha. Do pé e da mão. É ele que me penteia também. Quase sempre no domingo. É quando ele tem mais tempo. Hoje é dia. Paaaai! (BOJUNGA, 2018, p. 49).

A recordação paterna denota do caráter problemático que a cerca, pois, ao mesmo tempo, que a conforta, levanta em seu espírito a quebra da promessa feita ao pai em guardar a Carranca⁴, um objeto de grande valor sentimental para ambos, uma

⁴ Carranca é um objeto de madeira utilizado pregado na frente das embarcações, tendo por finalidade espantar os maus espíritos. Daí, sua função dentro da obra *Fazendo Ana Paz* é simbolizar a proteção paterna.

espécie de herança deixada por ele. Sofre, também, pela tristeza que a ausência paterna presentou em sua vida, os descaminhos pelos quais percorreu, bem como o arrependimento de ter jogado ao vento sua juventude por um amor errado.

E agora as três vão se encontrar e a Ana Paz-menina vai acusar a Ana Paz-moça de ter se esquecido da promessa que fez pro Pai (“promete, Ana Paz, promete que tu nunca vais te esquecer da Carranca”), e a Ana Paz-velha vai ouvir as partes... e opinar. [...] O Pai usando a Carranca pra passar pra Ana Paz tudo que é valor que ele achava importante (BOJUNGA, 2018, p. 43).

O trecho acima corrobora com a ideia de pertencimento, sobretudo, em relação às experiências profundas relacionadas a decisões e/ou caminhos que Ana Paz escolhera seguir. Além disso, expõe o remorso da protagonista em não ter cumprido com a sua palavra, na promessa firmada com o pai, na infância.

A Carranca surge na trama num momento da chegada do pai de Ana Paz, dentre as inúmeras viagens por ele realizadas. O pai trouxe o objeto na intenção de reforçar tudo aquilo que gostaria de deixar como legado para a filha. Bem mais que uma herança em dinheiro, bens de alto valor monetários, a Carranca servira de um amuleto, uma herança para a vida, como se representasse a presença viva do pai em todas as circunstâncias em que ele não pudesse estar.

O Pai tinha voltado de uma viagem ao Nordeste; na bagagem que ele trazia vinha a carranca de uma embarcação do rio São Francisco. [...] A Ana Paz ficou superintrigada com a Carranca. O Pai explicou que os barqueiros gostavam de pregar uma carranca na proa do barco pra ela ir assim na frente, afugentando tudo que é mau espírito que morava no fundo do rio. A Ana Paz fascinou. Desatou a fazer pergunta. [...] E aí o Pai começou a inventar um monte de histórias pra ir respondendo às perguntas da Ana Paz. Cada história que o Pai inventava era uma história de propósito pra ir passando pra Ana Paz tudo que é valor que ele considerava importante. O Pai fez da Carranca uma mulher forte, coerente, que sabia lutar pelos direitos dela (BOJUNGA, 2018, p. 53-54).

A Carranca, então, ganha notoriedade por tratar de um símbolo entre pai e filha, sendo referência de proteção e valores repassados por ele. De tal modo, a presença do pai rodeia o caráter de sentido na obra, pois o encontro com o passado de Ana Paz reforça a ideia do contato com alguém que teve influência significativa para ela, tanto que, dessa relação, parte a maioria dos questionamentos da protagonista que, nem ao menos, consegue dizer o que seu pai era realmente.

A narradora expõe a importância em reavivar os laços afetivos com o pai, norteados pelo espaço da casa, bem como da presença da Carranca, pois, a partir disso é que se delineia parte dos diálogos na infância de Ana Paz. Assim, é necessário buscar entender essa relação das pessoas com os elementos que compõem a esfera do lugar como experiência vivida.

Eu sabia que o encontro da Ana Paz-velha com a Ana Paz-criança tinha que resultar no Pai. Ele foi a figura dominante na infância da Ana Paz. Os dois tinham uma boa liga incrível. Era o Pai que penteava ela; era o Pai que brincava com ela; e foi o Pai que um dia trouxe a Carranca pra casa e usou a Carranca pra fazer a cabeça da Ana Paz. Então, esse Pai tinha que aparecer (BOJUNGA, 2018, p. 50).

Em algumas das conversas entre o pai e Ana Paz, ele tenta caracterizar a Carranca e os valores que ela carrega, para que a menina também os conservasse e os empregasse na vida adulta, quando ele já não estivesse mais ao seu lado. Nesse sentido, o pai colocara a Carranca como um objeto para além de sua representação física. Ele aproveitava cada uma de suas características para ensinar, exemplificar e alertá-la sobre dos percalços da vida que ela poderia enfrentar. Era como se ela pudesse apegar-se à imagem da Carranca para ser usado sempre que estivesse em apuros.

Diante disso, a personalidade de Ana Paz comunga do sentimento repassado pelo pai, de seus ensinamentos, além dos momentos afetuosos que marcaram a sua infância. Mesmo não dispondo de uma caracterização evidente, de aspectos que ajudariam no entendimento de várias lacunas na história dela, o pai continua sendo uma figura de grande importância para ela e para a sua identidade, “a Carranca foi o jeito que o Pai achou pra todo dia passar um valor pra Ana Paz” (BOJUNGA, 2018, p. 56).

Dialogando com Candau (2012, p. 18) “a memória precede a construção da identidade, sendo assim, um dos elementos essenciais da sua busca extrema, individual e coletiva”. Expressa a busca pelo entendimento de questões para além do indivíduo, as quais se configuram como marcas de sua personalidade, da sua representação sujeito dotado de memória.

As experiências são enriquecidas pela projeção que se tem acerca dos fatos, da forma de percebê-los, como acontece com Ana Paz. A personagem deixa que suas

lembranças se encarreguem de mostrar o que a caracteriza, permeando um vasto espaço de reflexão sobre as fronteiras de sua história, bem como de sua natureza.

Bosi (2003) propõe a reflexão em torno do indivíduo e de suas lembranças, através do processo de recordação e das relações com os outros. O sujeito que rememora tem acesso a uma etapa da vida pretérita, cujas experiências advindas desse passado são ressignificadas por um olhar diferente de outrora, por situações que permitem o amadurecimento de si em torno das lembranças evocadas.

A sobrevivência das imagens pretéritas não se configura numa apropriação das experiências em sua totalidade. Jamais as lembranças serão recompostas em uma unidade plena, pelo contrário, elas fazem parte de uma nova concepção, de um olhar modificado pelo tempo e, sobretudo, perpassadas pela consciência de um sujeito evoluído, que não mais dispõe das mesmas características do passado, pois ele já não é mais o mesmo.

Nesse sentido, *Fazendo Ana Paz* assemelha-se a uma espécie de descrição da memória por meio das lembranças, de cada junção feita ao longo da narrativa. É um processo de costura entre fatos gerados em torno de personagens incompletos, sobrepondo uns aos outros e formando um todo, ainda que abstrato. O caos e a dúvida são instalados, buscando no passado uma maneira de integrar os diferentes aspectos levantados para nutri-la.

As lembranças da protagonista podem até apresentar pequenos traços de nitidez, mas não são suficientes para responder a todas as suas perguntas. Embora, sem essas respostas não será possível recompor o seu passado, reconstruir a si mesma, pois, somente ele poderá ajudá-la no reconhecimento de si.

Os caminhos que decorrem da tônica entre presente e passado em *Fazendo Ana Paz* promovem um diálogo com as inúmeras formas de manifestação das lembranças. Algumas delas são retomadas de fatos não tão distantes, enquanto outras mergulham no mais profundo sentido da palavra memória, por meio da tentativa de reconstituir cenas que ajudem na compreensão de si mesma.

As lembranças de Ana Paz são permeadas por fluxos que se movimentam constantemente entre o eu de ontem e o eu de hoje. Cada tempo vivido representa um pedaço de sua história, “no Sul, o mundo da criança e da adolescente que ela foi; no Rio, o mundo da mulher que ela começa a ser e que vai absorver ela tanto, que só no inverno da vida é que dói a culpa dela ter se esquecido da Carranca” (BOJUNGA, 2018, p. 43).

Se por um lado, o tempo passado pode adquirir significação mais ampla, por outro, o presente também ganha sua importância. Não se trata de sobrepor as experiências umas às outras, mas conseguir abstrair sentido das ligações que as temporalidades estabelecem entre si. Tudo aquilo que faz parte do indivíduo, seja o lugar de origem, as pessoas que mantém e/ou manteve contato, os momentos alegres ou tristes, bem como os demais fatos e acontecimentos, corroboram com a formação do indivíduo e de sua história.

Reunir os pedaços das lembranças significa incorporar informações, valendo destacar que algumas lacunas permanecem sempre abertas. Não se pode tratar a memória como uma espécie de cópia do passado, todavia sua presença é fundamental para o entendimento de situações que não podem mais ser tangíveis no concreto.

O presente pode ser entendido a partir de uma relação entre os sujeitos e o tempo, visto a sua capacidade de fomentar a coesão de aspectos que demandam um apurado trabalho com as lembranças. No momento em que se recorda, há uma fusão de elementos intrínsecos ao tempo que se conectam, formando a base para a compreensão acerca da memória e de sua representação.

Halbwachs (2006) reflete o papel que o tempo assume diante dos aspectos que compõem as lembranças e o contexto de sua realização para o indivíduo que rememora. Este ressignifica a todo momento as lembranças e informações evocadas, partindo da necessidade de entendimento das experiências que marcaram o passado, ainda que não tenham apresentado impacto profundo no seu presente.

Diante disso, o contato com as lembranças da protagonista advém de um caráter, sobretudo, problemático. O seu presente encontra-se totalmente modificado, e cada momento recordado equivale a um pedaço de sua história. Ana Paz assume o desafio de confrontar as experiências com o plano que a memória dispõe sobre a realidade que a cerca.

A protagonista tem a oportunidade de reencontrar suas origens, recompondo os fatos através de um novo olhar; atualizando as lembranças que permaneceram adormecidas, mas que precisavam ser revividas. Ela se reconhece como alguém que ainda está em construção, atravessando as fronteiras perigosas da memória.

4 ESPAÇOS DESENCADEADORES DE LEMBRANÇAS EM *FAZENDO ANA PAZ*

O espaço estabelece forte relação com as experiências vividas, de modo que nele podem ficar retidas lembranças e imagens pertinentes ao indivíduo, mesmo diante de uma realidade modificada pelo tempo. A partir dele, é possível extrair informações, sentimentos e sensações diversas a respeito de uma época, de contextos e situações, bem como de fomentar o mergulho e reconstituição de diferentes estágios da vida.

Por meio do espaço a memória pode ser evocada, localizando dados que marcaram o ser que rememora, colocando-o frente a frente com o seu passado. Nesse sentido, o espaço assume o papel de servir como testemunho do vivido, numa espécie de materialização das lembranças, fatos e acontecimentos recordados.

A representação do espaço, enquanto lugar de vivências, é um dos pontos cruciais para a entendimento de sua relação com a memória. A contextualização das lembranças partem do lugar, trazendo sentido para as informações que decorrem do contato com o ambiente, esteja ele materializado ou fragmentado pelo poder da abstração. O indivíduo pode estabelecer um elo com o lugar e as suas lembranças, mesmo sem de fato se fazer presente neste.

Por outro lado, quando há o contato direto com o espaço consolidado no plano real, ou seja, quando o indivíduo pisa o chão que proporciona a evocação das lembranças, a relação espaço e memória se torna mais palpável. Cada pedaço do lugar ganha vida, por meio das formas, do cheiro, da comparação entre as imagens passadas e atuais, bem como de todas as modificações que ocorreram ao longo do tempo.

Em *Fazendo Ana Paz* a memória do lugar é um aspecto privilegiado, dela surgem os entraves e aspectos norteadores para a constituição da personagem Ana Paz, além de nutrir o sentimento de pertencimento e identidade. A casa não só guarda a memória, como desperta o interesse de entender como o espaço atua na narrativa.

Diante disso, o presente capítulo discute sobre a relação estabelecida entre espaço e memória, tomando por base a representação da casa na construção da personagem Ana Paz, a partir das memórias evocadas por ela. Do mesmo modo, oportuniza a reflexão sobre as fases da vida da personagem, as principais transformações ocorridas e como o espaço atua nessa constante, bem como o espaço da infância apresenta marcas profundas em sua vida.

4.1 Breves considerações sobre o espaço

Falar sobre o espaço significa adentrar num vasto campo de abordagem acerca de suas caracterizações e peculiaridades, podendo transmitir uma gama de sensações, bem como experiências, seja no âmbito coletivo ou individual. A partir dele, é possível ter contato com as transformações ocorridas ao longo do tempo e, conseqüentemente, da sociedade.

Por meio do espaço são construídas relações, as quais podem ser modificadas de acordo com cada realidade vivida. Ele representa um constante movimento entre as possíveis referências que atuam no ser, tais como contexto social, histórico, político, cultural e assim por diante.

A discussão acerca do espaço vem sendo teorizada de maneira consistente no rol de estudos das ciências humanas, oportunizando a contextualização de conceitos e noções que ajudam a esclarecer a problemática de encontrar um ponto em comum a partir de suas características. A realidade que concentra o espaço se torna adaptável a cada área do conhecimento que busca a sua investigação, a depender do olhar de quem o analisa a sua representação também muda.

Gaston Bachelard (2008) abre a discussão acerca da completude do espaço, traçando algumas considerações que oportunizam conhecer um pouco mais acerca de suas características. Para o teórico, o espaço ultrapassa a noção da geograficidade, do campo material. Ele sobrevive em meio ao abstrato, o não tangível, pois, permanece vivo.

Bachelard diz que “o espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido” (2008, p. 19). Daí a importância da percepção, de compreender como as lembranças atuam frente ao imaginário que constrói imagens em torno da dimensão espacial. Há uma cadência de impressões interiores e exteriores que se completam e, ao mesmo tempo, divergem constantemente.

O espaço da geografia, por si só, não é capaz de exprimir a dimensão que o lugar pode corresponder, sobretudo, no que tange ao reconhecimento do seu caráter representativo. De qualquer forma, é por meio do espaço que as ilusões ganham força, bem como a tentativa de trazer à tona aspectos da realidade através de um olhar ficcional, que ora aproxima, ora distancia os objetos que incorporam esse espaço. O

imaginário defendido por Bachelard mergulha na intensidade que o espaço admite, tendo em vista tudo aquilo que preenche os sentidos que o circundam.

O espaço analisado pelo teórico é o espaço que nutre a vivência contextualizada pela realidade do indivíduo, obtido pela construção do imaginário e pelas impressões que o lugar evoca. O lugar é transformado e modificado por meio de processos temporais, de circunstâncias que moldam a forma de ver e sentir a dialética de um espaço que tem um conteúdo a servir, imprimindo aspectos do sujeito que dele participa.

O que restaria ao homem, caso ficasse privado da vida no ambiente exterior? Certamente, suas impressões estariam voltadas apenas para uma realidade fragmentada e isolada do mundo. É no espaço e nas relações mantidas nele que, se pode falar da noção de lugar. O tempo, então, perdura como elemento mantenedor dos significados que cada lembrança carrega consigo ao estabelecer o encontro com a percepção espacial.

Fica difícil falar de uma realidade separada, isolada de um contexto ou determinado pela ação do tempo. Trata-se, justamente, de um conglomerado de situações e elementos que sofrem diretamente os impactos desse tempo que se atualiza dia após dia e desemboca no espaço.

Por vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo; que no próprio passado, quando sai em busca do tempo perdido, quer “suspender” o vôo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. É essa a função do espaço (BACHELARD, 2008, p. 202).

O tempo em questão não implica necessariamente num âmbito cronológico, mas de um pedaço da vida que é retirado de um dado momento, validado pelas experiências ocorridas nesse intervalo. A condição que o espaço oferece, acaba por completar a maneira de ver e entender o mundo ao redor do sujeito que sofre as modificações delimitadas pela ação do tempo.

O espaço é capaz de reunir os elementos que são expressos nas palavras, objetos e demais símbolos que constituem o lugar. Tudo que nutre a ideia do habitar está diretamente relacionada com as sensações despertadas, seja a forma de olhar, o que pode ser tocado, o cheiro que cada lugar exala, aquilo que a percepção consegue identificar de algum modo.

A realidade apropria-se da noção que o espaço admite, quando trata do cruzamento de informações obtidas por meio do ambiente pelos indivíduos que o habitam. Daí a importância do imaginário que faz parte do amplo sistema que a espacialidade congrega, pois, se têm uma realidade exposta pela reconfiguração de sentidos, dos processos que envolvem o lugar, aproximando as mutações e vestígios de um espaço que não é vazio.

Bachelard (2008) discute a questão do espaço pela visão fenomenológica, procurando investigar os aspectos que constituem uma ideia de lugar habitado, ou seja, onde há acúmulo de experiências. Para o teórico é preciso sair do imediatismo em definir e descrever o espaço apenas como expansão de uma realidade materializada, dando margem a uma fusão de elementos que integram a complexidade espacial, colocando em evidência as experiências e os sujeitos que as depreendem.

Sua tese parte da noção do espaço enquanto mutação, algo que passa por transformação, ganhando uma expansão de significados. Apesar de parecer vazio, é no espaço que se encontra uma diversidade de informações que, podem surgir em forma de fragmentos ou deslocadas, mas permanecem acessíveis. É como se o espaço guardasse aquilo que precisa ser revivido, o qual nasce do encontro com a experiência vivida.

Encontrar a concha inicial em toda moradia, no próprio castelo – eis a tarefa básica do fenomenólogo. É preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num canto do mundo. [...] todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa (BACHELARD, 2008, p. 24-25).

O habitar, antes de tudo, compreende a ideia de pertencimento, de uma força que irradia o ser como um lugar que é seu, que contém partes de sua vida. Desde o ventre o sujeito habita algum espaço, o útero é a sua primeira casa. Posteriormente, esse sujeito passa a habitar outros lugares, a dialética citada por Bachelard, ou seja, cada momento tem sua carga de contribuição naquilo que se tem por lugar, o significado da casa.

No espaço é desencadeado a retomada das vivências, cujo sentido está preso ao passado. Em suma, faz parte do passado que ultrapassa a realidade e a

virtualidade, um tempo que serve de refúgio para a imaginação dada pelas imagens nela (re)criadas, alteradas pelas percepções do atual.

Os pensamentos e os sonhos também habitam o mesmo espaço da moradia, no sentido de despertar as lembranças que ficaram retidas. Para Bachelard, não é possível distanciar os aspectos que pairam sobre o lugar, a imaginação e a memória. Assim, o espaço defendido por ele é firmado para além do concreto, mostrando a essência que a casa pode assumir para todo e qualquer indivíduo.

A experiência humana é sempre concentrada em ações ocorridas na esfera espacial, dentro de um contexto passado. Ao tomar como exemplo uma árvore em suas fases distintas, plantio, crescimento e desaparecimento, é possível compreender que há uma história por trás. Alguém fez parte dessas etapas, e de alguma forma, essa pessoa ficou marcada. Isso exemplifica a relação humana com o espaço, mostrando o desejo de permanência.

Tudo o que é concretizado no espaço habitado pelo ser depende, sobretudo, da intensidade com a qual as marcas do lugar se constituem. A árvore citada como exemplo, serve para abrir outras possibilidades, uma delas seria a de entender que tudo que permanece no espaço, seja em sua ordem natural ou criada, possui relação direta com o homem.

Tomando por base os estudos de Luís Alberto Brandão, o espaço caracteriza-se por uma gama de circunstâncias. Ele caminha por uma imensidão de fatos e situações que o colocam frente à realidade vivida, seja nos contextos da abstração, quanto do concreto. Sua função adere ao momento e intenção, não sendo associada a um conceito fixo e absoluto.

O estudioso discute as possibilidades que o espaço admite, mostrando que em determinados contextos a sua existência denota de características específicas, com funcionalidade firmada no caráter subjetivo. A depender da circunstância tratada, a abordagem da espacialidade passa a evidenciar uma roupagem que agrega sentido ao que se pretende investigar.

De acordo com Brandão (2013, p. 50) o espaço “pode ser referenciado por vários sinônimos, como lugar, campo, ambiente, região, setor, universo, paisagem, sítio, extensão, área, faixa, domínio, zona, território”. A noção de espaço aqui transita pela materialidade que o lugar assume, sendo influenciado pelas relações que se constituem dentro dele.

É interessante ressaltar que, segundo Brandão a espacialidade representa bem mais que o lugar físico, apesar de estar fortemente relacionado a isso. O espaço discutido em sua visão é impregnado por processos próprios de sua constituição, ou seja, todos os elementos que dão forma para sua realização, algo que se adapta e se reconstrói conforme as condições necessárias num dado momento.

O tratamento dado por Brandão ao espaço depreende da necessidade em evidenciar um espaço que não é suprimido a uma definição unívoca, já que este abrange uma dimensão ampla, gerando indagações e até mesmo incertezas recorrentes. Seria um deslize tentar encaixar o espaço numa categoria, ou mesmo, conduzir uma linha de pensamento que não admita ser refutada.

Cada associação feita ao conceito de espaço, é ressaltada por singularidades e pela finalidade que se coloca diante de um contexto prévio. Nesse viés, as noções que o cercam parte da influência do tempo, sentimentos, sujeitos, relações sociais, dentre outros aspectos que merecem atenção.

Brandão associa o espaço ao tempo de modo especial, fazendo um paralelo entre Isaac Newton e Albert Einstein, quando cita o absoluto e o relativismo. Conforme Brandão, Newton defende a ideia de um espaço que não sofre influências do exterior, permanecendo sempre em estado de inércia. Do outro lado, Einstein estabelece que o espaço não pode existir como forma independente, pelo contrário, ele é transformado pelo tempo, sendo relativizado de acordo com tudo que o cerca.

De um lado, encontra-se o conceito newtoniano de espaço absoluto. [...] Do outro lado, há o conceito de espaço relativístico. Conforme o conceito proposto por Albert Einstein, o tempo é a quarta dimensão do espaço, o qual, por sua vez, está em constante expansão (BRANDÃO, 2013, p. 51).

A discussão proposta por Brandão ao levantar os postulados dos dois grandes físicos, recai sobre a necessidade de explanar um espaço que é constituído por modificações, quer no nível conceitual, quer em sua função. De tal modo, o tempo surge como um adendo crucial à questão da espacialidade, sendo responsável pelo caráter expansivo da ideia de lugar material.

Seja em qualquer dimensão, a temporalidade é evidente, além de fazer paralelo com a noção de variedade, pois, tanto o tempo quanto o espaço não admite ser fixado numa única direção. Cada contexto depreende um tempo e espaço específicos, daí a constante mutação em que se enquadra a discussão sobre a

espacialidade, que a cada dia ganha mais destaque em outras áreas do conhecimento, além da realidade geográfica.

Indo adiante na discussão, o espaço também ganha destaque no universo da literatura, sendo um dos aspectos de análise no texto literário. A partir dele é possível ter contato com a essência da narrativa, oportunizando a reflexão de temáticas diversas, bem como colocando em foco o trabalho minucioso com o discurso presente e os demais itens estruturais que dão vida à obra.

Ao analisar uma obra é comum a presença da descrição do cenário, do lugar e ambiente em que a cena ocorre. Nesse viés, se percebe a construção de um enredo que é moldado pelo espaço, como as personagens se desdobram frente ao local evidenciado na trama, e em meio a isso o restante é articulado frente ao caráter espacial.

Brandão (2013, p. 51) ressalta que, no concernente ao literário, o espaço é apresentado como “espaço social, espaço psicológico, espaço mítico, espaço da linguagem, espaço imaginário”. A diversidade de noções atribuídas perpassa pelo processo interativo entre ele e o texto literário, tendo em vista os símbolos e/ou elementos alusivos à ideia de lugar, onde se concentram as ações das personagens e o enredo é desenvolvido.

A visão do espaço é operacionalizada segundo o contexto de onde parte a observação, o narrador entende o lugar segundo as suas intenções narrativas, a descrição dos fatos que vão sendo delineados. As personagens percebem o espaço a partir das suas relações, considerando as circunstâncias que as insere, a função que o espaço ocupa na construção de sua identidade narrativa.

É de natureza espacial o recurso que, no texto literário, é responsável pelo ponto de vista, focalização ou perspectiva, noções derivadas da ideia-chave de que a literatura veicula um tipo de visão. [...] O espaço se desdobra, assim, em espaço observado e espaço que torna possível a observação. [...] Por essa via é que se afirma que o narrador é um espaço, ou que se narra sempre de algum lugar (BRANDÃO, 2013, p. 62).

A perspectiva de espaço levantada pelo teórico, diz respeito ao modo como a espacialidade é delineada frente ao texto literário, como um recurso que pode ser material ou não. Desse modo, a ideia de lugar físico fica em segundo plano, apesar de ser a noção primeira que vem à mente. O espaço trabalhado na literatura pode ser

até mesmo o próprio narrador, como expõe Brandão, à medida que também pode ser indicativo de uma circunstância manifestada pelo poder da palavra.

O discurso, então, é constituído como um importante fundamento da espacialidade, visto que a palavra tem o poder de demarcar território. Fala-se, aqui, não do território geográfico, mas de todo o conglomerado de circunstâncias e temáticas que o espaço consegue delimitar por meio do texto literário.

Não é por acaso que se passam os anos e diversas obras ainda são lembradas como marcos da história humana, correspondendo a situações expressadas pelo espaço nivelado através da palavra.

É compreensível que o jogo com a espacialidade também admite a perspectiva de um lugar concentrado pelo dito ou não dito, pela capacidade de atribuição de sentidos. A palavra, então, representa um recurso que tem sentido complementado pelo lugar de onde se fala, de tal modo, pelas configurações que o espaço manifesta.

Em relação ao espaço da linguagem, mostra que a palavra é também um espaço, pois é composta de signos que possuem materialidade. A palavra é uma manifestação sensível, cuja concretude se demonstra na capacidade de afetar os sentidos humanos, o que justifica que se fale da visualidade, da sonoridade, da dimensão do tátil do signo verbal (BRANDÃO, 2013, p. 64).

O espaço da linguagem refere-se ao modo como o lugar atua na dinâmica da obra literária, expondo processos simbólicos dentro da composição narrativa. Sua dimensão extrapola a função de um lugar representado pelo campo material, atuando no cerne de questões que englobam os aspectos constituintes do fenômeno da espacialidade.

A linguagem, então, estabelece uma ponte que liga os elementos integrantes da narrativa ao âmbito do espaço, enquanto local de realização da obra literária. Desse modo, cada espaço levantado depreende de um ponto – chave, relacionando tudo aquilo que depreende do contexto que somente a literatura dispõe, desdobrando-se naquilo que está implícito.

O espaço assume fundamental importância na análise de ficção. Independente da narrativa se desenvolver no campo ou na cidade, o cenário é quem dá o tom de linearidade ou verticalidade do enredo. O espaço em que ela acontece

terá impacto significativo no comportamento das personagens e demais ações que se desdobram ao longo do texto.

Implica dizer que, a ideia de um lugar no qual a trama é desenvolvida relaciona-se com a multiplicidade de sentidos presentes no âmbito narrativo. Tudo gira em torno de um espaço que sofre intervenção direta e indireta do meio.

O espaço consegue interligar os fragmentos que fomentam a construção do texto literário. Pois, a partir dele que partem os primeiros passos para a análise de ficção; como é formado, quem o compreende, quais os seus elementos circundantes, que papel exerce no enredo? Nenhuma história nasce do nada, antes é preciso de um lugar para dar vida aos fatos, por isso toda obra tem um cenário que se fixa no espaço.

Seja no universo urbano ou rural, o espaço metaforiza o caminho seguido na consolidação da obra de ficção, uma vez que corporifica os movimentos que gerem a narrativa literária. O cenário é relevante devido às construções imagéticas que vão sendo delineadas, por meio do trabalho apurado com a descrição de objetos, coisas e pessoas, cujo abrigo parte do lugar.

A análise literária leva em consideração o espaço e seus elementos, justamente, por ser esta uma das principais categorias de investigação dentro de uma obra. De tal maneira que, pode variar entre o viés físico e abstrato, despertando assim o jogo com a subjetividade.

Percebe-se que, a categoria espaço serve de alicerce para a constituição do enredo, na medida em que reforça os mecanismos responsáveis pela atmosfera de associação entre o físico e o não tangível dentro de uma obra. Ademais, qualquer noção de espaço citada ou demarcada no texto literário, estabelece uma ponte para a observação por meio das imagens que se formam, dadas pelo olhar do narrador ou do leitor.

Ainda por essa via de abordagem, o espaço é descrito por Regina Dalcastagné e Luciene Azevedo (2015) como o local onde flui o movimento e as ações das personagens, constituindo artifícios preponderantes em todo e qualquer texto de cunho narrativo. O espaço funciona como uma extensão das possibilidades de sentido dentro da obra, considerando as características do ambiente descrito e, sobretudo, narrado.

Para as estudiosas, o espaço pode ser limitado ou amplo, corroborando com a ideia de um ambiente de articulação afetiva com os agentes que compõem este espaço fictício (tempo, personagens, narrador, autor, dentre outros). Assim, a

espacialidade é bem mais complexa que aparenta, haja vista que todos esses elementos assumem um grau de importância na obra, mas mantém um elo firmado com os aspectos do lugar que consolida e/ou especifica o texto literário.

Do mesmo modo, o espaço também pode servir de referencial para ambientar situações reais, explicitadas por meio do caráter geográfico, ou mesmo de circunstâncias que dão destaque para um processo de apreensão desse espaço enquanto fusão do real e do irreal (fictício).

Em qualquer texto narrativo, a ação e o movimento das personagens desenvolvem-se, mais ou menos explicitamente, num espaço narrado. Pode ser um mero palco ou adquirir a qualidade de protagonista; pode ser um espaço inventado, remeter anonimamente à geografia real ou até citá-la; pode ser estruturado de acordo com as noções de espacialidade ou subvertê-las (DALCASTAGNÉ; AZEVEDO, 2015, p. 22).

A noção de espaço no texto literário assume forma e conteúdo. Um espaço que pode ser mencionado e até servir de inspiração, mas que não tem como ser reproduzido tal como é em sua forma real. O pensamento das estudiosas demonstra que, o espaço admite uma construção literária firmada em fundamentos que depreendem da intenção em falar de um espaço que pode ganhar vida por ele mesmo, ou servir de embasamento para criações diversas, utilizando do jogo com a literariedade.

O espaço instituído no cerne da literatura advém da intensidade com a qual os signos são criados e repensados dentro de uma obra. Cada signo surge a partir do contato com o mundo, o toque, o cheiro, as sensações, bem como a abertura e fechamento de portas que levam ao espaço literário. As marcas da presença que as personagens imprimem, a dimensão semântica que ecoa fortemente na constituição de uma narrativa, tudo contribui para a materialização do espaço.

A corporificação do espaço é algo evidente no âmbito do texto narrativo, pois, os enredos colaboram como uma espécie de extensão do espaço ao expressar as noções que ampliam a consciência acerca do lugar ou cenário da obra. Esse lugar é capaz de dizer bem mais que as palavras contidas na narrativa, tendo por base os lugares de pertencimento e o alcance de outros lugares que não exprimem a categoria de identidade, mas que contribuem para entender as diferenças de sentido.

A consciência criada em torno do espaço delinea a ideia de um lugar que é capaz de falar no silêncio, provocando a todo instante os agentes integrantes do texto literário. A forma como o espaço é descrito pode ter muito mais valor significativo do que a fala das personagens, e o seu tratamento varia de acordo com cada contexto, época, intenção.

A simples mudança no percurso, tida pela descrição de um espaço narrado, pode ser o suficiente para que toda a ideia contida no enredo, seja redirecionada para um novo aspecto dentro da obra. Desse modo, o tratamento que o espaço recebe pode ser crucial para a narrativa, modificando-a e estabelecendo um aprofundamento de questões no que tange a psicologia das personagens que habitam nesse espaço narrado.

O espaço da narração concentra o fluxo de ações das personagens, e mais que isso, esboça os sentimentos e a condição psicológica entrelaçada entre o enredo e os demais elementos que dão o tom para o texto literário. Ao tempo em que consegue aproximar, também, corrobora com os contrastes que a obra pode contemplar, haja vista que nem sempre a ideia de lugar é harmoniosa.

É por meio do espaço que as personagens circulam na obra, aguçando a subjetividade que este carrega. Implica dizer que, o espaço se torna cada vez mais próximo da constituição das personagens, seu enredo perpassa pelos lugares que as caracterizam, pelos seus pensamentos e sentimentos despertados. O espaço interioriza o detalhamento dos aspectos que compõem a narrativa literária, trabalhando a sensorialidade e dando margem para a reflexão sobre temáticas amplas.

De acordo com Dalcastagné e Azevedo (2015, p. 22) “o espaço narrado não é criado de forma ingênua ou coincidental, mas, sim, que pertence às estratégias narrativas e, portanto, cumpre uma função de relevância para a análise literária”. Isso implica dizer que, o espaço nasce por um propósito na obra, sendo determinante para a extensão de sentidos que a obra consegue alcançar.

O espaço cumpre, assim, a função de localizar e evidenciar dados articulados na obra pelo prisma do seu teor literário, o que desemboca no cunho interpretativo. A intenção em descrever ou delimitar um espaço de narração é delineada pelas experiências (particulares e coletivas). Concentra-se no ato de perceber o impacto que a ideia de lugar carrega na obra, bem como para o leitor e demais agentes participativos do processo.

Contudo, o espaço extrapola os limites do contexto geográfico e estático, desembocando na perspectiva da ficcionalidade também. De tal maneira, o mesmo espaço que remete à noção de territorialidade, pode falar sobre os aspectos que compõem o universo literário. Faz parte de uma via de mão dupla, que ora dialoga com o abstrato, ora cruza o caminho de outras áreas do conhecimento.

4.2 O lugar de origem na tessitura memorialística de *Fazendo Ana Paz*

Entende-se que o espaço é um importante elemento desencadeador de lembranças, pois, a partir das experiências vivenciadas nele, é possível ter um encontro com situações pretéritas que marcaram pessoas e épocas. Seja no testemunho de lutas, conflitos, momentos históricos, bem como relações mantidas no seio familiar, ou de qualquer outra natureza, o espaço se faz presente.

Em *Fazendo Ana Paz* o espaço é representativo do vasto poder significativo que este apresenta, expondo não somente os processos internos da protagonista, mas, sobretudo, servindo como ponto crucial para o desenvolvimento da narração memorialística. Tudo gira em torno dos aspectos da espacialidade, das coisas e objetos que permanecem no espaço, mesmo com a ação devastadora do tempo.

Marcada pelo viés da memória, a obra congrega situações fomentadas pela relação entre as lembranças da protagonista Ana Paz e o espaço, o lugar a qual ela pertence. Cada pedaço de sua casa primigênia dá o tom para a tessitura narrativa, e o espaço consegue articular cada experiência por ela vivida, com as impressões que o lugar desperta no processo rememorativo.

As principais lembranças rememoradas na obra integram parte do ambiente que corresponde a casa onde Ana Paz nasceu, onde passou parte de sua vida com os pais e resolve revisitá-la numa viagem quando chega na terceira idade. Ela sente a necessidade de pisar o chão que a viu nascer, despertando para a imensidão de experiências que estão arraigadas pela memória que a casa guarda.

A ideia de retornar ao lugar onde estão fincadas as suas raízes, corresponde a uma importante decisão tomada pela protagonista, tendo em vista que durante toda a sua vida ela nutriu o desejo em entender o seu passado. Foi preciso coragem para descortinar todas as lembranças adormecidas pelo tempo, cruzar o mesmo caminho de outrora, a qual era o responsável por grande parte de suas dores.

Por intermédio da viagem ao Rio Grande do Sul, Ana Paz retoma o passado de sua família, o seu lugar de origem e, conseqüentemente, de sua própria vida, num contexto temporal, histórico e cultural, que servem de pano de fundo para a trama. Há um resgate da infância, permeada pelos sentimentos nostálgicos advindos dos momentos vividos na casa dos pais, em tempos distantes.

Diversas vezes ela hesitou em realizar esse feito, talvez fosse mais prudente tentar esquecer o que a atormentava e seguir a vida longe de tantas lembranças. Porém, o reencontro com a casa era necessário para aquietar o seu espírito, pois, Ana Paz sabia que a única maneira de dar um ponto final para os seus questionamentos seria retomando o passado.

Aí, um belo dia, o avião chegou no Rio Grande do Sul e a velha desembarcou. Era lá pelas três da tarde. Tinha um vento que passava e que era frio. O táxi parou na porta da casa e a velha desceu. [...] o táxi foi embora e ela ficou parada olhando a ruazinha vazia. Sentiu o pé gelando. Pegou a bolsa, rodeou a casa e entrou pela porta da cozinha. O sino pendurado na porta bateu. Fora isso, era tudo silêncio (BOJUNGA, 2018, p. 38-39).

O reencontro com a casa pretérita significa um marco importante para a narrativa, tomando por base a história de vida da protagonista, ao tentar relacionar os aspectos da memória com o lugar onde suas lembranças são revividas. O silêncio que comporta a casa, estabelece a noção de vazio, das experiências que foram adormecidas por tanto tempo e vão sendo reacendidas com a sua chegada.

O vazio da casa é um aspecto preponderante, tendo em vista a contemplação através de uma visão diferente das coisas, por ângulos distintos. Ana Paz entende que o momento de reencontro com a casa é, antes de tudo, de ressignificação. O espaço, então, serve de elemento gerador para este fim, descrito pelo olhar da memória da infância, norteado também pelas indagações sobre a vida, o destino que ela tomou ao partir desse lugar.

O resultado do reencontro com o espaço da casa norteia o sentimento de busca pela identidade da protagonista, ao passo que estabelece relação com os aspectos do lugar de afeto, convivência e aconchego com os pais. Fica evidente a cadeia de elementos que fomentam a memória afetiva, vinculada ao contato com os outros indivíduos que marcaram esse tempo passado, mas que também são silenciadas.

Diante disso, ao retomar o passado já idosa, Ana Paz traz revisita os principais momentos da infância, fazendo com que haja um sentimento ou espécie de mortes metafóricas, delimitadas pela ação do tempo. O espaço da casa onde Ana Paz nasceu, relaciona-se com o silêncio da narrativa em alguns momentos, nas pausas e nas interrupções na escrita.

Ao chegar na casa, Ana Paz puxa uma cadeira e senta, precisa tomar o ânimo para seguir com seu objetivo ali. “- Nossa! A viagem me cansou, sim. – Puxou pro sol uma cadeira de braço e de palhinha no assento; se sentou. Sentiu o cochilo chegando, achou tão bom” (BOJUNGA, 2018, p. 39-40). A pausa para sentar-se, parece até uma mudança de percurso proposital, pois, logo após a narrativa volta-se para outro contexto, deixando um pouco de lado a chegada da velha e expondo outros fatos já vividos.

A atitude de pausar o fato decorrente naquele momento, remete ao campo da memória, já que o processo natural da rememoração é concretizado por brechas que ficam soltas. Desse modo, é indispensável que haja o fluxo de ir e voltar às lembranças, mesmo que o desenvolvimento da trama fique com uma ideia de quebra. As lembranças que chegam a mente, apresentam-se com lacunas de difícil complementação, pois, tudo é muito incerto e a obra surge como uma espécie de diário, costurado fia a fio.

As lembranças evocadas por Ana Paz demonstram a construção de um enredo marcado pela inquietação, um processo de alternância entre o ser e o existir. Cada episódio narrado estabelece um vínculo com a imensidão que a carga memorialística assume na obra, visto que a história de vida da protagonista se mistura com os anseios de um passado moldado pela perspectiva existencial.

A relação entre o passado e o presente é gerada por meio das cenas cotidianas e pelo reflexo memorialístico, construindo imagens, também, na mente do leitor, ao tentar recriar cada espaço descrito ao longo da narrativa. O enredo e o espaço surgem como uma espécie de jogo com o imaginário, que, num simples deslize, pode perder-se totalmente na cena, ficando confuso com as vozes presentes, pois, é como se o espaço também tivesse urgência.

Os fatos oriundos da trajetória de vida de Ana Paz corroboram com o estreitamento de situações delimitadas pelo lugar, valendo do pressuposto de que a memória continua enraizada na casa da infância. As lacunas deixadas pelo tempo reafirmam a necessidade de recomeçar a partir do espaço moldado.

O passado que ecoa fortemente em *Fazendo Ana Paz*, pode ser entendido pela fala de Bachelard, quando cita o poder das imagens construídas pelo espaço. É evidente a interação entre o meio e as atitudes de Ana Paz, o reflexo das coisas que as rodeiam.

A imagem poética não está sujeita a um impulso. Não é o eco de um passado. É antes o inverso: com a explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa de ecos e já não vemos em que profundezas esses ecos vão repercutir e morrer. Em sua novidade, em sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio (BACHELARD, 2008, p. 2).

Cada imagem formada na mente compõe um resquício do que se viveu, seja na forma de pensamentos, emoções, frustrações, decepções, ou mesmo partindo das transformações que cada indivíduo enfrenta. Ana Paz também partilha dessa conjuntura, da imagem poética que Bachelard defende; aquela que é construída no cerne da dinâmica que a ideia de um lugar habitado consegue nutrir.

Seja na pressa em descortinar as incongruências do passado, ou na impossibilidade de demarcar as experiências num contexto fechado e isolado. O fato é que Ana Paz desliza por um caminho frágil, o qual mistura os seus sentimentos com os fatos levantados pela memória. Ela se apega às sobras deixadas pelo tempo, os pedaços que restaram da casa e que, de algum modo, formam um todo significativo em meio às suas lembranças.

A imagem da casa expressa, justamente, o contato com as experiências que somente a memória consegue estabelecer. A casa de Ana Paz representa o baú de sua vida, onde as situações que a marcaram permaneceram, mas que refletiram na pessoa que ela se tornou, impactando o momento presente também.

Ainda que modificada, o sentimento de pertencimento permanece vivo, instigando a protagonista a querer saber mais e mais do seu passado. A casa sugere um acúmulo de situações que refletem a sua vida presente, produzindo um movimento de interação entre o meio e o indivíduo que o ocupa.

É por meio da casa que, de alguma forma, a linguagem que o espaço transmite metaforiza as experiências vividas. A rememoração passa a conceber uma dimensão ampla, trazendo não somente lembranças soltas, mas dando significado a tudo que Ana Paz viveu e foi tentar entender com o retorno ao lugar de origem, onde as suas raízes estão firmadas por tanto tempo.

O cenário da morada urge como a cadência de imagens que rodeiam a mente da protagonista, sendo fundamental para o processo de rememoração. Várias leituras podem ser feitas por ela, notadamente, a de que o seu passado mantém uma ideia de unidade, pedaços que se juntam a outros, formando um lugar-comum irradiado pelas ações cotidianas.

Para um estudo fenomenológico dos valores de intimidade do espaço interior, a casa é, evidentemente, um ser privilegiado; isso, é claro, desde que a consideremos ao mesmo tempo em sua unidade e em sua complexidade, tentando integrar todos os seus valores particulares num valor fundamental. A casa nos fornecerá simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens (BACHELARD, 2008, p. 23).

A casa consegue reunir uma série de questões, situações e/ou circunstâncias referentes ao indivíduo em seu caráter mais íntimo, recuperando informações que permanecem, mesmo que dispersamente. É difícil descrevê-la apenas em sua estrutura física, tendo em vista que o espaço condensa bem mais aspectos, daí a sua complexidade. De todos os lugares, é na casa que os primeiros laços e relações são mantidos, de onde parte a constituição de cada ser.

A presença de elementos associados ao caráter memorialístico intensifica o poder das imagens, além do que favorecem o contato com nuances pertinentes ao viés social e familiar. Em *Fazendo Ana Paz*, o ser sensível se desdobra nas estranhezas que a mente desperta por meio das lembranças, correspondendo parte da trajetória de vida às influências de um lugar e passado modificado por acontecimentos que fogem ao controle da protagonista.

A casa primigênia fortalece o vínculo com as impressões do lugar narrado, pensando um tempo que não é linear, pois, configura uma história entrecortada por momentos silenciados ou incompreendidos. A saída encontrada em meio ao caos das lembranças, advém dos resquícios de sentido atrelado ao lugar e tudo que ele consegue comportar. Todos os momentos reacendidos pela memória, de alguma forma, contribuem para a materialização das experiências pretéritas, seja um simples diálogo cotidiano ou mesmo a contemplação do espaço.

Em razão da importância da casa enquanto espaço vivido, que Ana Paz decide redescobri-la, pois, acredita que esse espaço guarda parte de sua história, apesar de saber que nem tudo será oferecido a um primeiro olhar. Antes de tudo, vale

a experimentação com as sensações que a casa desperta, os sentimentos que ficaram impregnados no ambiente saudosista.

Ana Paz prepara o espírito para a absorver toda a energia que o lugar de origem lhe transmite, pois, sabe a importância de estar nele outra vez. O reencontro com a casa ocorre num momento em que ela está madura e consciente de que a sua memória pode enunciar situações que a sua mente não consegue sustentar, visto que a casa impõe a sua presença como firmamento de uma realidade confusa.

O dia estava nascendo; o fogão agora só tinha cinza, tava frio. Ana Paz ficou escutando. A casa ainda não tinha acordado. Deu vontade de ver a casa assim, tão quieta. Se levantou, atravessou o corredor e abriu a porta que dava para o pátio. Limo, folha seca e poeira na pedra do chão. Limo, folha seca e poeira no banco de pedra. E no chafariz também, só limo e pó. Ela ficou parada, pensando há quanto tempo não saía água da bica, há quanto tempo ninguém conversava com o pátio (BOJUNGA, 2018, p. 44).

Eram tantos sentimentos que a casa proporcionava reviver, que cada pedaço dela parecia até possuir uma certa independência em relação aos demais. No trecho acima, Ana Paz admira os elementos que a compõem de maneira especial, dando ênfase ao espaço do pátio, logo após citar o frio que invadia todo o ambiente após o fogão já não mais aquecê-la. Nota-se, que cada aspecto é percebido por ela, ganhando a atenção devida, formando um conjunto de imagens à sua disposição.

O frio descrito pode ser associado ao momento de sua vida presente, o inverno, o momento em que a protagonista atinge a maturidade para entender a sua história. A sensação obtida pelo ambiente, também, desperta a ideia de tristeza e solidão, visto que a casa permanece no vazio, sem vida.

Ana Paz questiona o tempo em que o pátio está inerte, sem a presença de alguém para desfrutar de sua companhia. As imagens que formam o pátio dialoga com o contato sensível do corpo com o lugar, de modo que a protagonista cruza as fronteiras com o indizível, bem como as vozes de sua própria mente que foram apagadas em meio ao movimento de volta ao passado.

A casa primigênia de Ana Paz demonstra o acúmulo de informações que denotam a sua essência, notadamente, a sua memória. Para Bachelard (2008) a casa representa o abrigo, uma espécie de atração de imagens que são concretizadas em torno daquilo que é possível ver e sentir. O valor que o espaço da casa possui varia de acordo com as urgências do indivíduo, com os interesses em relembrar o passado

ou aquilo que se deseja viver, a casa sonhada que faz parte dos planos futuros também.

A ideia de abrigo corresponde a necessidade de o ser humano estabelecer laços com o que está a sua volta. Sejam as pessoas e o que elas têm a oferecer, o papel que assumem diante da vida de alguém, ou os objetos que mesclam o reflexo do ser e do ambiente. Tudo ganha vida e voz no espaço, cabendo-lhe a responsabilidade por eventos que dialogam com a percepção humana sobre o existir e as relações mantidas ao longo do tempo.

A casa de Ana Paz representa a tênue relação entre a realidade presente e os traços de outrora levantados pelo lugar. São vivências afetivas que ocorrem em meio a espaços significativos, oriundos de suas lembranças. Cada aspecto da casa primigênia compreende um sentimento de aconchego, despertando tudo aquilo que se encontrava guardado em sua alma. O espaço, assim, está intrinsecamente relacionado pela projeção psicológica da personagem Ana Paz, por meio das sensações refletidas nela.

O aspecto psicológico é evocado quando a protagonista sente que o caminho até o seu presente permanece atrelado à imagem da casa enquanto valor semântico. Parece que o lugar da infância se reveste das condições que favorecem o ato de rememoração, capturando as cenas que perduram na mente de Ana Paz, confirmando a autoconsciência sobre si mesma.

Cada pedaço da casa, até mesmo a forma como é dividida representa um refúgio em meio às fronteiras do tempo, é um ambiente que reúne singularidades do morador, e com Ana Paz a cena se repete. De alguma forma, a ideia de abrigo trazido pela construção física com suas paredes, portas, janelas e objetos constituem uma espécie de arquitetura da alma, tentando entender e recompor o mundo através do seu interior.

A ideia de pertencimento refletida na obra, bem como o contato com as experiências, corrobora com a visão de Yi-Fu Tuan (2013) ao tratar que o espaço é preenchido por objetos que despertam os sentidos dados ao local que o indivíduo se encontra. Tudo aquilo que completa o vazio do lugar, que dá vida a esse espaço, fica retido pela materialidade que somente ele é capaz de assumir.

Para o teórico a experiência está relacionada com a capacidade de conseguir aprender algo, tendo por base a própria vivência de cada ser. Assim, tudo aquilo que constitui o lugar está para além de sua representação simbólica, o espaço serve para

localizar as experiências, e cada elemento que o compõe participa desse processo de apreensão.

Os objetos pessoais (ou haveres) estão emocionalmente apegados ao sabor do passado, rondando sobre eles (TUAN, 2013). Notadamente, as lembranças evocadas em *Fazendo Ana Paz*, desdobram-se por meio dos elementos que fazem parte do espaço da infância. Cada objeto que nele se encontra, apresenta significado importante para a protagonista.

O quarto de Ana Paz é bastante representativo da reflexão levantada, pois, grande parte das lembranças são retomas dentro dele. Muitas conversas entre ela e os pais ocorrem no quarto, além dos objetos que o compõem serem cruciais para o processo rememorativo na obra.

Em um determinado momento da obra, após entrar no quarto, Ana Paz repercute o que as lembranças compreendidas nele tinham a lhe dizer. Foi um momento de conexão com uma visão adormecida do passado, meio fragmentada, mas, ao mesmo tempo, impactante e cheia de significados.

Lá pelas tantas aconteceu: a memória do quarto acordou, e acordou tão bem disposta que foi logo querendo me mostrar tudo que o quarto tinha sido, tinha tido, aqui ele tinha a cama, aqui era o armário, a penteadeira ali, a mesa pra estudar bem debaixo da janela, e a cortina amarela, e mais a colcha de crochê, e mais o tapete pequeno de cada lado da cama. Eu fiquei ali parada olhando pra tudo, vendo tudo que o quarto não tinha mais (BOJUNGA, 2018, p. 48).

Nota-se que a memória do quarto ainda está viva em sua mente, de maneira que ao adentrá-lo cada item que o preenche é observado com bastante atenção. O armário, a penteadeira, a mesa, a cortina, a colcha de crochê, o tapete, a cama e tudo mais que o compunha engloba aspectos relevantes no processo de rememoração de Ana Paz.

Cada objeto observado dialoga com a vivência da protagonista, enraizando em seus interiores as impressões que acompanharam sua vida na infância ao lado dos pais. Ao passo que, também, é depositado sobre esses objetos um valor afetivo, evidenciando um sentimento de apego, pois, mesmo depois de tantos anos eles ainda representam parte de sua história.

Bachelard (2008, p. 250) expõe que “quando damos aos objetos a amizade que convém, não abrimos o armário sem estremecer um pouco”. Desse modo, a

realidade é modificada conforme a experiência que cada objeto desperta no indivíduo que rememora, sua dimensão estabelece uma ponte entre o contato com as coisas e as lembranças que são evocadas por meio de cada detalhe que as compõem.

Ao desvendar o interior do espaço, mantendo contato com os objetos e coisas, o indivíduo tem a memória ressignificada pelo contexto de outrora, mas que dialoga com um presente modificado. Ana Paz é exemplo disso, pois, a personagem não só retoma o lugar da infância, mas contempla os elementos que ele guarda, ou seja, tudo que forma o seu interior merece atenção e apresenta significado para ela.

De acordo com Bosi (2003, p. 26) “mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentamento à nossa posição no mundo, à nossa identidade. Mais que a ordem e beleza, falam à nossa alma em sua doce língua natal”. Os objetos demonstram que não servem apenas como elemento decorativo, pois, implicam na percepção da trajetória de vida de um indivíduo, ou seja, servem de testemunho.

Determinados objetos apresentam uma extensão da tomada de consciência por parte do indivíduo, ou seja, os objetos dialogam com a realidade externa em sua relação com o mundo. A Ana Paz que reencontra o quarto e tudo que há dentro dele, não é a mesma de outrora, notadamente, suas lembranças unem-se a outras perspectivas da realidade atual, a visão de uma pessoa idosa que acumulou experiências durante sua jornada.

Ao colocar um objeto em uma parte da casa, seja na sala, cozinha ou quarto, por exemplo, algo é modificado, pois, aquele objeto passa a fazer parte do cenário atual. Quando ocorre o contrário, o objeto é retirado desse espaço, as impressões também se modificam, moldando a experiência de quem os recebe. Nesse sentido, a casa de Ana Paz permanece com as impressões de um passado que sobrevive, pois, cada objeto a acolhe no mesmo local que estivera na infância dela, colaborando com o avivamento de sua memória.

Nenhum objeto que compõe o quarto passa despercebido, pois, a junção de cada um deles forma um todo significativo para a protagonista, além de estarem concentrados numa esfera maior, o espaço da casa primigênia. Assim, os objetos que preenchem o espaço da casa resultam num processo de construção identitário, construindo uma autobiografia da vida da protagonista.

O quarto, remonta a um espaço de intimidade, uma espécie de pequeno cosmos, onde fica retida a memória de cunho pessoal de cada indivíduo, com Ana

Paz não é diferente. As informações mais relevantes para a sua trajetória de vida remontam dele, no que lhe concerne, o quarto constitui como um dos principais cenários da obra, sendo associado aos acontecimentos, sentimentos e estado de espírito da personagem em diversos momentos.

Ainda no quarto da protagonista, um elemento que se destaca é o espelho, transformado pelas marcas do tempo. Ele reflete, naquele momento, a imagem de uma Ana Paz totalmente modificada, agora com oitenta anos e que acabava de fazer uma viagem no tempo, a partir da infinidade de sentimentos que a cercaram ao olhar para sua própria face, mas, principalmente, por olhar para dentro de si.

Fui chegando pra perto do espelho. Ele tava cheio de manchas de idade. Dessas que eu tenho aqui na mão. Foi só a minha imagem entrar nele que ele acordou. Com essa vista meio ruim que eu tenho agora eu quis ver bem de perto o que que o espelho tava me mostrando. Nossa! Não era nenhuma maravilha. Mas pareceu que ele não estava se incomodando. Olhei bem. É, ele parecia contente da gente estar ali se encontrando. E aí ele fez questão de me contar tudo que ele tava achando de mim. [...] Cada mancha, cada sinal, cada ruga, a minha história tá toda na minha cara, e ele quis ir me contando cada capítulo dela, sem pressa nenhuma – nenhuma (BOJUNGA, 2018, p. 46-47).

Em detrimento do espaço e dos objetos que o contemplam, o espelho descrito na cena assume uma perspectiva de firmamento da realidade da protagonista, esboçada agora por sua idade avançada. A Ana Paz que sobrevive em meio as lembranças de um passado tão distante determinado pelo lugar. Com isso, é compreensível que os objetos seguram o tempo, pois, não precisam manter relação de posse, mas sim do sentimento que é despertado por meio do contato com eles, ou seja, a referência que eles assumem.

O espelho, também, exprime o reflexo do processo de autorreferência de Ana Paz, tendo em vista a apresentação dos processos internos, transformados pela flexibilidade e instabilidades provenientes da vida. Não foi somente a forma física que se modificou, mas tudo que compreende o ser por inteiro, trazendo uma realidade multifacetada e norteadada pela fragilidade humana.

Para Bosi (2003, p. 16) a memória se enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto”. A espacialidade é integrada por elementos que parecem ter vida, ou que de algum modo estabelecem significados, auxiliam na construção da história de cunho pessoal, marcando a identidade do indivíduo.

A teórica discute os chamados objetos biográficos, cuja noção parte da relação que o indivíduo mantém com as coisas que o rodeiam. Esses objetos ganham importância por acompanhar a trajetória de vida, representando as experiências que dialogam afetivamente com o morador da casa.

A ordem desse espaço povoado nos une e nos separa da sociedade: é um elo familiar com sociedades do passado, pode nos defender da atual revivendo-nos outra. Quanto mais voltados ao uso cotidiano, mais expressivos são os objetos: os metais se arredondam, se ovalam, os cabos de madeira brilham pelo contato com as mãos, tudo perde as arestas e se abrandam (BOSI, 2003, p. 26).

A partir da relação entre indivíduo e objeto que o espaço ganha vida, tendo em vista que o homem consegue transpor uma carga semântica para tudo aquilo que testemunha a sua experiência. Assim, cada objeto tem a atenção devida por quem adentra ao espaço, consolidando a sequência de acontecimentos delimitados no passado.

Tanto o espaço, quanto os objetos ganham significação pessoal para cada indivíduo. Ainda que parta da mesma premissa ou experiência, as lembranças oriundas do lugar vão sendo moldadas aos padrões da sociedade, do tempo e das relações. Funciona como uma espécie de jogo com as possibilidades de interação do homem e tudo o que permite o diálogo com a autoconsciência desdobrada pela memória.

De acordo com Bosi (2003) os objetos biográficos revelam o apego às experiências passadas, tendo em vista a construção memorialística obtida pelo contato com o lugar. Cada objeto traduz uma lembrança, seja da família, dos amigos, dos amores de outrora, até mesmo das decepções. Eles passam de geração em geração, transmitindo valores e perpetuando narrativas.

Nessa conjuntura, o espaço da casa e os objetos servem como sustentação para os enredos, permitindo que as personagens tenham um encontro com a gama de possibilidades que a obra narrativa é capaz de exprimir. Ela não configura apenas um lugar onde as cenas acontecem, mas sim, determina a essência da trama pelos elos com a memória e os frutos desta mediante o tempo, tal como ocorre com Ana Paz.

De acordo com Tuan (2013, p. 206) “para fortalecer nosso sentido do eu, o passado precisa ser resgatado e tornado acessível”. Assim, o passado pode ser

ressignificado por meio de breves visitas aos locais de pertencimento, de modo que os objetos dão vida para cada situação e/ou contexto revisitado por meio da memória.

O espaço ambientado na obra *Fazendo Ana Paz* ressoa nos traços e conflitos de uma personagem marcada pela inquietação em redescobrir-se. A relação entre a memória e o espaço é gerada por intermédio das cenas cotidianas, reforçando a construção de imagens de pertencimento, desassossego e angústia também.

O espaço consegue guardar as imagens que formam o passado, expressando lições e/ou circunstâncias que às vezes o indivíduo tenta esquecer, mas não consegue. Ana Paz tem sua memória reavivada pelos objetos e o lugar, e tudo que flui em sua mente vem como uma avalanche de informações. Ela recorda os sentimentos que a casa transmite, apoiados pela memória, num movimento entre os questionamentos e dúvidas.

De acordo com Tuan (2013, p. 206) “as pessoas olham para trás por várias razões, mas uma é comum a todos: a necessidade de adquirir um sentido do eu e da identidade”. No caso da protagonista, a razão é a velhice que a leva a se voltar para trás e retomar lugares e pessoas, como uma forma de se reter no tempo.

Em detrimento da busca pela identidade de Ana Paz, ressalta-se a reflexão de Candau ao dizer que a perda da memória provoca a perda da identidade, pois, ambas estão interligadas. Elas fazem parte da projeção acerca da trajetória de vida, ao passo que despertam o interesse em narrar os acontecimentos envolvidos nesse processo, firmadas no tempo e no espaço.

A perda de memória é, portanto, uma perda de identidade. [...] Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que um sucedâneo de pensamento, um pensamento sem duração, sem a lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si (CANDAU, 2012, p. 59-60).

A memória, então, preserva as experiências ressignificadas pelo sentimento de pertencimento ao lugar. O indivíduo compartilha as suas lembranças a partir do contato com o espaço, ele volta no tempo passado para tomar consciência de si mesmo, tentando assim encontrar seu lugar no mundo.

O espaço, no que lhe concerne, demonstra que os lugares estão inundados pela memória que se apresenta viva, por meio da sua duração e dos seus elementos

externos. Há uma forte conexão entre as experiências e o que a memória desperta pelo contato com o lugar, tudo ganha um novo olhar a partir de um contexto de outrora.

Ana Paz explora as imagens formadas pelo ambiente da casa primigênia, construindo uma teia de relações entre ela e o universo ao seu redor. É a casa que faz renascer questões adormecidas pelo tempo, deslocando situações e compondo os fragmentos que formam a sua identidade perdida. A sequência de ações realizada pela protagonista, demonstra que as impressões despertadas pela memória do lugar, condizem com a necessidade em descortinar o espaço que abriga essa carga de informações sobre si.

Ao rememorar os fatos, Ana Paz redescobre aspectos que estão diretamente ligados com a sua identidade, tendo em vista que o sentimento que a casa desperta proporciona, por meio da narração, que a personagem possa entender como as lembranças oriundas do período da infância, ressoam fortemente em sua vida adulta.

A memória e o lugar, assim, atuam como testemunho da vida de Ana Paz, transportando-a para um tempo passado, em que a sua história é observada pelo olhar de dentro. Ana Paz descreve os ambientes da casa, dando um tom de intimidade para cada espaço, deixando claro a importância de tudo isso na sua caminhada.

É no espaço que o tempo é enxergado, os instantes do agora se acumulam tão rapidamente no passado imediato que é possível nutrir a ilusão, e assim não há um segundo que o homem não se dedique a fincar os pés e marcar o espaço de alguma maneira.

Topofilias e toponímicas, a memória e a identidade se concentram em lugares, e em “lugares privilegiados”, quase sempre com um nome, e que se constituem como referências perenes percebidas como um desafio ao tempo. [...] Um lugar de memória é um lugar onde a memória trabalha (CANDAU, 2012, p. 156).

O teórico reflete sobre a importância do espaço, enquanto ideia de lugar, ou seja, um ambiente que apresenta a memória habitada, em que há uma história. O indivíduo sofre diretamente os resquícios da experiência espacial e temporal.

Em *Fazendo Ana Paz* a imagem do lugar é explorada por meio dos fragmentos que corroboram com o processo memorialístico, privilegiando assim a reconstrução das situações que depreendem do contexto identitário de Ana Paz. A personagem, ao estabelecer um elo com a casa primigênia, mostra que o espaço que delimita a ideia

de infância, de lugar de aconchego e alegria, também a perturba, evidenciado o quão delicado é o território que a memória abrange.

Mesmo o próprio quarto [...] é um lugar-refúgio privilegiado para a lembrança. Ele existe na memória como um espaço de isolamento entre si e os outros, como um primeiro envelope que informa alguma coisa de sua identidade e da negociação de um território próprio. De uma maneira geral, a sociedade silenciosa e imóvel dos lugares, a memória das pedras da cidade, a permanência das referências espaciais nos confere um sentimento de ordem e quietude e a ilusão de não haver mudado através do tempo, o que é sempre tranquilizador para a identidade pessoal e coletiva (CANDAUI, 2012, p. 158).

A casa e os seus espaços internos cooperam para o entendimento das circunstâncias que tranquilizam ou traumatizam a mente de quem rememora. A saber pelo conteúdo das lembranças, o processo de rememoração pode provocar um sentimento de aflição, ou até mesmo, crise de identidade. Por vezes, Ana Paz demonstra a inquietude com as suas lembranças, tentando entender como a sua vida tomou um rumo totalmente diverso dos sonhos da infância.

A casa, notadamente, o quarto, lugar de maior carga semântica, provoca em Ana Paz, pensamentos que irrompem sobre a sua vida, levantando questionamentos a todo instante. Ela sabia que precisava retornar ao local, mas sabe que isso poderia atormentá-la, principalmente pela falta dos pais.

O lugar privado, a casa de Ana Paz, diz muito sobre ela e sobre o que acontecia ao seu redor. Ao tempo que serve de refúgio, corresponde ao lugar de maior vulnerabilidade, pois foi nela que o seu pai foi capturado. Foi nela que, também, Ana Paz percebeu que o mundo pode ser duro, sendo um gatilho para as frustrações que sofreria futuramente com a vida, sufocando-a intensamente com a desordem em suas emoções, devido à impossibilidade de manter o controle sobre a sua história.

A casa guarda memórias incompreendidas da personagem, esboçando situações que fogem ao seu controle, como ocorre com as poucas informações acerca da morte do pai, bem como de quem ele foi. Os caminhos que levam ao passado de Ana Paz não dizem respeito somente a ela, pois, condensam uma história conjunta, a dela e dos seus pais. As lembranças que acordam com o quarto, também, compreendem as lembranças que Ana Paz tem de si e das experiências vivenciadas no seio familiar.

Diante disso, é válido retomar Halbwachs (2006) quando trata da memória coletiva, haja vista que Ana Paz rememora a sua infância a partir das experiências com os outros, dos fatos que partilham dos episódios ocorridos na sua vida. Nenhum sujeito nasce e permanece isolado, pelo contrário, está sempre inserido num contexto coletivo, vivendo e aprendendo na sociedade.

A morte do pai, por exemplo, pode ser inserida num contexto mais amplo que as lembranças pessoais de Ana Paz. Seria válido levantar vários questionamentos acerca dos motivos que levaram ao ocorrido, o perigo que o pai representava, os impactos de sua morte para o contexto da época, enfim, uma série de perguntas que até mesmo Ana Paz faz a si mesma na velhice.

Desse modo, a memória da casa partilha de um sentimento coletivo, narrando os acontecimentos que duraram no tempo. Expondo os altos e baixos, os encontros e contradições na obra, e mais que isso, servindo de argumento para a história da protagonista. A casa e suas lembranças ressoam, também, sobre a cidade, o lugar em que estão fixas, pois, exalam o sentimento de pertencimento.

Em uma das conversas de Ana Paz com o pai, fica nítido a importância da casa tanto para ele, quanto para o lugar que ela ocupa. Segundo ele, a casa tem um sentimento profundo com a cidade, deixando marcas e servindo de herança para os futuros habitantes. “A história desta casa. Foi meu pai que construiu ela; mas a minha mãe que me ensinou a importância de uma casa na vida de uma cidade. Eu também vou te ensinar, Ana Paz” (BOJUNGA, 2018, p. 51).

A fala do pai expõe um sentimento de apego ao espaço que compreende a casa, algo maior que a dimensão que esta ocupa. Para ele, a casa faz parte da cidade, da memória que ela guarda, e por esse motivo deve ser preservada, pois, em cada casa compreende-se uma história, uma herança de gerações.

É possível compreender que, as lembranças representam as imagens construídas em torno de referências, estando à disposição de quem rememora, porém, numa conjuntura diferente do passado, povoando a consciência atual. A memória permanece envolvida pelas experiências de sujeitos plurais, que sofrem e sentem os impactos das lembranças, gerando uma cadeia relacional com as lembranças dos outros também.

O momento presente configura-se como o ponto de referência para as experiências passadas, um intervalo de fatos que são oriundos da memória coletiva, prioritariamente. Cada lembrança é moldada pelos dados emprestados do presente,

retomando os fatos que depreendem da notoriedade que o passado apresenta. As experiências individuais somam-se às coletivas, em virtude do lugar-comum que compartilham.

A noção de espaço como algo que perdura, tida pela representação da casa de Ana Paz, remete ao que Halbwachs (2006) defende ao entender que os quadros de referências da memória estão atrelados mais ao espaço, do que ao indivíduo. Implica dizer que, a casa permanece nas lembranças da protagonista, tem forte relação com sua trajetória de vida, mas faz parte de uma projeção maior, a cidade em que está fixa.

A memória é balizada a partir da experiência, dos símbolos que duram no tempo e no espaço (HALBWACHS, 2006). O que Ana Paz vivenciou no passado não ficou de todo esquecido, por conta do valor que lugares e coisas significaram a ela. A estrutura física, bem como as situações decorridas nela formam um todo significativo de acordo com as vozes, a temporalidade e as ações que transcorrem a narrativa. Desse modo, o espaço é sempre habitado por um conjunto de memórias, tal realidade não difere da obra *Fazendo Ana Paz*.

As lembranças são reconstruídas e ressignificadas através dos relatos do indivíduo que rememora, ainda que este não tenha por finalidade tentar recriar uma representação fidedigna do passado, o que seria impossível. Daí a noção e importância dos grupos, pois, cada sujeito carrega consigo uma parcela de informações relevantes no processo memorialístico.

Da relação entre a memória e o espaço que os grupos se firmam ainda mais, pois, o lugar retoma as circunstâncias de um passado que ganha uma esfera geral. Não é somente o passado de um sujeito, mas das relações desse sujeito com o meio, sofrendo diretamente a sua influência.

Quando inserido numa parte do espaço, um grupo o molda à sua imagem, mas ao mesmo tempo se dobra e se adapta a coisas materiais que a ela resistem. O grupo se fecha no contexto que construiu. A imagem do meio exterior e das relações estáveis que mantém com este passa ao primeiro plano da ideia que tem de si mesmo. Essa imagem penetra em todos os elementos de sua consciência, deixa mais lenta e regula sua evolução. Não é o indivíduo isolado, é o indivíduo enquanto membro do grupo, é o grupo em si que, dessa maneira, permanece sujeito à influência da natureza material e participa de seu equilíbrio (HALBWACHS, 2006, p. 159).

As imagens instituídas em prol de uma consciência coletiva, demonstra o quanto a memória está enraizada na ideia de grupo e, conforme a sua dinâmica, o espaço desempenha o papel de viabilizar o contato com as lembranças, transformando o lugar por meio das experiências dos sujeitos.

Essa transformação é percebida na obra *Fazendo Ana Paz* quando a protagonista compreende a necessidade de tomar a consciência passada como suporte para a sua realidade atual. A história dela parte dos outros (pais) e da casa da infância, tudo o que resistiu daquele lugar, daquela casa, corresponde a um pedaço de sua vida.

Outro momento que envolve o apreço pela terra natal e o que permeia a memória da casa, denota da conversa de Ana Paz com o jardineiro que cuidava do local. O diálogo mostra a preocupação da protagonista em partir para o outro plano sem reencontrar suas origens, demonstrando que visitar a casa onde viveu seria o último compromisso que precisava cumprir para ficar em paz.

- A senhora é daqui?
 - Eu nasci nesta cidade sim, mas fui morar no Rio quando eu ainda era garota. Acabei ficando por lá, nunca mais voltei.
 - E o que a senhora tá fazendo aqui?
- Contei que tinha chegado a hora de ver de novo a minha cidade natal; se eu demorava mais ainda arriscava de morrer sem ver. E disse que o que eu queria mesmo era ver de novo a casa onde eu tinha nascido e me criado.
- Quer dizer este chão...
 - É o meu chão. [...] E acho que, sem me dar conta, escolhi a data de propósito: vim comemorar o meu aniversário aqui (BOJUNGA, 2018, p. 70-71).

Mais do que contemplar a casa, Ana Paz reitera a necessidade de pisar o chão onde nasceu, levando à interpretação de que o seu lugar não remete somente ao espaço da casa, mas da terra. Isso corrobora com os ensinamentos paternos, ao validar que uma casa diz bem mais que suas histórias individuais, pois, corresponde ao ambiente da cidade também, das memórias que permaneceram.

O diálogo com o jardineiro mostra que a terra tem importância, é onde está a sua gênese, operando os aspectos da memória que se encontra ligada a ela. A data do aniversário, então, seria o momento ideal para festejar o reencontro com a Ana Paz que viveu ali em tempos longínquos.

As raízes de Ana Paz estão firmadas naquela terra, a sua memória parte, então, da experiência cotidiana com os pais, com os objetos e tudo que corresponde a ideia de lar. O sentimento de pertencimento se torna ainda mais profundo, sugerindo associações recorrentes com as experiências norteadas ao longo de sua trajetória.

A casa serve como uma espécie de arquivo das lembranças afetivas, partindo de um movimento entre o passado e o presente. O apego ao lugar permite que a protagonista sinta a atmosfera de um tempo que não volta, mas que permanece vivo em sua alma, no mais íntimo do ser.

Indo mais adiante na discussão do espaço em *Fazendo Ana Paz*, é pertinente a reflexão sobre o que Brandão (2013) de que o espaço da casa é, antes de tudo, o espaço da construção da narrativa, em que as ações são desencadeadas, privilegiando os aspectos que contemplam o vínculo do lugar com a trajetória de vida de Ana Paz.

A categoria do espaço surge na obra como um elemento que produz um movimento diacrônico, dialogando com as informações geradas em torno do enredo memorialístico. Há um esforço em tentar delimitar um espaço que concentre a essência, por assim dizer, o fio da meada que rege a história de Ana Paz, balizada pelo envolvimento das demais personagens e o cenário que serve como pano de fundo.

Os elementos narrativos básicos – sujeitos, espaços e tempos – se apresentam como pura projeção de potencialidades que se assumem como tal, o que significa que estão em constante dissipação. O único elemento que preserva alguma continuidade é a voz narrativa, mas mesmo esta é hesitante, interrogativa, mero ensaio de voz (BRANDÃO, 2013, p. 221).

A visão de Brandão remete ao fato de que o espaço, mesmo com suas potencialidades, necessita da voz narrativa, ou seja, o espaço configura-se em torno das ações delineadas no texto literário.

Diante disso, ainda que o espaço seja preservado, resistindo ao tempo, é preciso que haja o desdobramento humano dentro dele, representado na literatura pelo jogo com os elementos narrativos, notadamente, as personagens e a composição do enredo.

Seria inviável dizer que o espaço não assume independência perante os demais aspectos de uma obra, porém, ele encontra-se arraigado em processos que envolvem uma ampla categoria discursiva.

Nesse viés, em *Fazendo Ana Paz* o espaço é vinculado ao modo como a tessitura memorialística é desenvolvida, sobretudo, em face de uma articulação entre tudo aquilo que somente o texto literário pode dispor. Daí a importância em discutir não somente a maneira como a protagonista retoma suas lembranças, mas entender o que gira em torno dela, o seu lugar e a influência das pessoas nessa conjuntura.

A obra pode, assim, ser entendida como a constituição de um movimento muito mais próximo daquilo que lida com os impulsos ameaçadores de uma unidade, cabendo aqui a relação da memória e espaço. Engloba as personagens numa só construção efetiva da verdade (a “realidade” ficcional). As personagens encontram-se numa só (criança, jovem e idosa), mas a composição delas é resultado de experiências distintas que partem de um ponto em comum, sofrem devido às consequências da vida.

Olhar para o passado requer maturidade para entender os fragmentos de lembranças, nada estará por inteiro, porém, tudo estará disposto de alguma forma como materialidade do vivido, eis então a importância do espaço, seja concreto ou abstrato (BRANDÃO, 2013).

Desse modo, o enredo de Ana Paz tenta encaixar as três fases distintas dela, numa só, de encontrar o fio da meada, onde tudo se perdeu e juntá-lo novamente. Não há uma linearidade evidente, por vezes a personagem aparece, em outros momentos ela se esconde, como numa forma de tentar ocultar alguns fatos que ainda a aterrorizam fortemente, a exemplo da morte do pai.

Tendo em vista o espaço pelo viés literário, é pertinente a apropriação dos estudos de Maurice Blanchot, visto que o espaço constitui uma das mais importantes categorias da narrativa. Isso ocorre em face das articulações feitas pela sua funcionalidade com as demais categorias que o texto literário dispõe. Ademais, pelas inúmeras possibilidades em seu aspecto semântico que é característico da ideia de espaço proveniente da narração.

Fazendo Ana Paz é, sobretudo, a representação do minucioso trabalho com a escrita, um espaço que se desdobra em lembranças pretéritas e traduzido pela linguagem memorialística. Segundo Blanchot (2011, p. 25-26) “escrever é entrar na

afirmação da solidão onde o fascínio ameaça. É correr o risco da ausência do tempo, onde reina o eterno recomeço”.

A tentativa de recomeçar é, sem dúvida, uma pretenciosa missão de Ana Paz, buscando no passado as lembranças da casa primigênia. A escrita transformada na narrativa percorre o caminho memorialístico, traçando os contextos que a linguagem literária depreende. A carga metafórica do contato com o espaço é justificável pela fala da personagem “sempre achei que, chegando nos oitenta, eu chegava no inverno da minha vida. Cheguei. E, sabe? Tô achando tão bom começar uma estação nova; tô achando tão bom ver o senhor tratando do meu jardim...” (BOJUNGA, 2018, p. 75).

O jardim mencionado por ela, não é somente o espaço físico onde se encontram os elementos da natureza, mas um pedaço de sua vida, em matéria e alma. De modo que o inverno é bem mais que a estação do ano, representa a singularidade a qual lida com as transformações ocorridas em seu eu interior. Era preciso, de fato, sentir essa atmosfera estando presente no lugar onde sua vida brotou, para no futuro poder desvanecer em paz.

As palavras descritas na obra carregam um poder semântico significativo, sobretudo, quando se trata da composição memorialística. A respeito do minucioso trabalho com a linguagem proveniente desse espaço literário, Blanchot anuncia que a escrita é imagem que forma outras imagens.

Escrever é dispor a linguagem sob o fascínio e, por ela, permanecer em contato com o meio absoluto, onde a coisa se torna imagem, onde a imagem, de alusão a uma figura se converte em alusão ao que é sem figura e, de forma desenhada sobre a ausência torna-se presença informe dessa ausência, a abertura opaca e vazia sobre o que é quando não há mais ninguém, quando ainda não há ninguém (BLANCHOT, 2011, p. 26).

É notório que o espaço literário, enquanto manifestação da linguagem e escrita, forma uma cadeia de aspectos que mantém relação direta e indireta com a estrutura maior da narrativa. Cada elemento ganha sua importância dentro do texto literário, intercalando as imagens que se formam com o universo plural de informações decorrentes delas.

A perspectiva em foco, então, cabe exatamente na conjuntura de associações das imagens formadas na obra *Fazendo Ana Paz*, em virtude da sua descrição e contato com o espaço. A memória se desdobra nas impressões acerca da vida da

protagonista, tentando alcançar uma coerência em meio a impossibilidade de estabelecer uma relação sustentável entre as ações delineadas ao decorrer da trama.

A obra literária está sempre rodeada de incertezas, permeando a fronteira entre o recomeço e as possibilidades que é capaz de englobar (BLANCHOT, 2011). A narrativa de Ana Paz demonstra a seara que compreende a perspectiva de recomeçar, de mergulhar nas possibilidades que o texto dispõe.

A memória de cunho afetivo norteia grande parte do desenvolvimento do enredo, tendo em vista os conflitos que precisam ser solucionados na vida de Ana Paz. Esse enfoque abre margem para a incompreensão acerca de quem fala na trama, as diversas vozes que se entrelaçam de maneira a confundir, por vezes, o leitor. É nesse contexto em que elas se fundem, a partir das lembranças caóticas, que resultam em suas memórias de infância niveladas pela ação da vida presente, das consequências que estas ocasionaram em sua vida.

De luz acessa nela toda, a casa foi resplandecendo; parecia tão mais moça, assim, recém se pintando... parecia até, sei lá! que ela tinha aumentado, feito já crescendo pro fruto que ela ia dar. Agora que ela estava fora de perigo, eu ia poder começar a estudar melhor o meu projeto, tinha tanta coisa pra detalhar. Voltei pra cadeira de palhinha e comecei a pensar. E aí eu me lembrei tão forte do meu pai! Feito coisa que ele tava ali do meu lado. Ouvi até ele dizendo, vais ter um inverno muito ocupado, Ana Paz. Eu sei, pai. Vai ser bom (BOJUNGA, 2018, p. 82-83).

A fragmentação evidente na obra literária encontra-se alicerçada na fuga da própria memória, em precisar lembrar e, ao mesmo tempo, esquivar-se de certas memórias. Há partes boas (o amor dos pais; a infância) e as ruins (a fuga – morte do pai; a decepção amorosa na juventude), tudo contribui para a construção de uma identidade presente, seja ela favorável ou não.

O acaso se faz presente como marca primordial, o encontro inesperado entre as três faces de uma mesma pessoa, de vidas que se perderam em algum lugar do caminho e precisam se reencontrar para reparar os erros do passado ou, ao menos, aquietar as emoções e lembranças mais pungentes. O enredo de Ana Paz apresenta, desse modo, uma espécie de memória desmemoriada, ou seja, a memória está ali, mas precisa ser reconstruída e moldada para poder seguir a vida

A leitura da obra nos leva para o campo da investigação do ser, passamos a querer descobrir mais e mais sobre os meandros dessa história tão dramática e, ao

mesmo tempo, sincera da personagem. Podemos depreender ainda, que, algumas brechas ficam soltas e surgem indagações não resolvidas na trama, fazendo com que o leitor necessite ir mais a fundo, retome as entrelinhas para tentar saciar a curiosidade literária.

É provável que a casa de Ana Paz tenha se tornado um lugar nortado por lembranças tristes e, por vezes, caóticas. Porém, a ideia da casa de infância permanece, Ana Paz também sente a nostalgia advinda dos momentos felizes, do aconchego dos pais e do contato com a natureza. A casa, o seu antigo lar, é o local onde se encontra a memória dos momentos de outrora, com significados relevantes para ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Fazendo Ana Paz*, de Lygia Bojunga apresenta um enredo tipicamente marcado pela volta ao passado, estabelece uma teia de situações despertadas pelo poder das lembranças e do lugar de origem. Os desafios encontrados pela protagonista ao longo do caminho vão dando margem para o contínuo processo de reconstituição e reconhecimento de si, tendo por base os sentidos proporcionados pelo caráter memorialístico.

No que tange aos aspectos relativos ao contemporâneo, a obra estabelece o diálogo com uma literatura produzida no âmbito da escrita que foge aos padrões fixados por estilos literários de outrora, abordando referências que comportam a reflexão acerca dos processos que envolvem a própria tessitura discursiva. Percebe-se que a escritora vai costurando os elementos que formam o texto literário. Ela coloca em evidência o ato de escrever e suas singularidades com a produção memorialística, a partir da experiência da narradora e personagem.

Nesse sentido, o leitor vai tendo contato com a escritura da obra em seus aspectos mais internos, participando de cada detalhe que rege a sua construção. Eis um dos pontos da literatura contemporânea, a liberdade em tecer um enredo que não se prende a modelos rígidos, no qual permite que autor - obra – leitor possam caminhar juntos durante o processo de composição do texto literário.

O enredo de *Fazendo Ana Paz* permeia a fronteira da realidade e ficção, tendo em vista a noção de liberdade estética expressada pela escritora Lygia Bojunga, ao brincar com os componentes da narrativa. Ela constrói uma personagem que discute problemas relacionados com a identidade e o reconhecimento de si, por meio da volta às origens, entrelaçando circunstâncias relativas ao caráter social, ideológico e histórico.

Diante disso, a obra valida aquilo que a crítica ressalta sobre Lygia Bojunga, fundamentada pelo aprimorado trabalho com as marcas da subjetividade, da escrita firmada entre a presença e a ausência, bem como do rompimento com o tradicional. A sua produção dialoga com a perspectiva de uma literatura delineada frente ao objeto narrado, expondo as diversas faces e possibilidades discursivas a partir da trajetória de Ana Paz.

As lembranças evocadas pela personagem em *Fazendo Ana Paz* partem da necessidade de reencontrar sua história, de tentar buscar as respostas que podem

preencher as lacunas deixadas pelo tempo. A esse respeito, o título da obra expressa, justamente, essa ideia de algo em construção ou inacabado. Significa dizer que, cada elemento descrito ao longo do enredo, configura-se com um pequeno fragmento a ser completado para encontrar sentido em meio ao caos em que a protagonista está inserida.

Através de uma tessitura discursiva que utiliza uma linguagem simples, a narrativa é desenvolvida em torno dos elementos que presentificam os espaços caracterizadores da trajetória de Ana Paz, desembocando num diálogo constante entre narradora e personagem, no qual a memória é o principal elo.

A casa da infância serve como o local de encontro entre as três fases de Ana Paz, a saber: a criança que nutre as lembranças familiares, a jovem que se manifesta por uma decepção amorosa e escolhas erradas e, por fim, a idosa octogenária que vive em meio as angústias em tentar reconstruir o seu passado que é marcante e que tanto atormenta seu presente.

A memória e o espaço atuam como agentes articuladores entre a vida e as experiências da protagonista Ana Paz. Há uma estrutura delineada pelo fluxo de lembranças que pairam sobre o ser que rememora, mantendo uma abordagem regida pela aproximação e, ao mesmo tempo, afastamento das imagens que compõem a representação do viés memorialístico na obra, um desdobramento dos sentidos proporcionados pelo lugar.

Constata-se que, a relação instituída por meio do espaço e da memória em *Fazendo Ana Paz* vai além do que o simples contato com experiências firmadas pelo tempo, mas, sobretudo, por provocar o deslocamento do sujeito frente aos desafios que o passado dispõe diante do presente, os impactos que essa relação é capaz de provocar, deixando marcas profundas na vida.

Para que as experiências façam sentido é necessário mergulhar nas incertezas que o passado apresenta, de tal modo os sentimentos que os espaços evocam firmam-se em valores particulares ao indivíduo. É também na junção de imagens dispersas que esses espaços podem fornecer para o preenchimento de lacunas que ficam ao longo do caminho, pois, somente a memória não é capaz de reconstituir, ela precisa de um contexto, de um elemento gerador para ser ativada.

Ana Paz permite que as suas lembranças conduzam o caminho que ela precisa trilhar, ela percebe que a casa da infância é mais que o espaço físico, que comporta a sua história viva. Cada parte da casa ganha um significado especial, até

mesmo a memória da morte do pai, pois, a faz sentir mais uma vez a sua presença. É por tentar entender a sua partida, que Ana Paz reflete sobre os bons momentos ao lado da família antes do fato ocorrido.

A casa de Ana Paz configura-se como o local onde a memória é reavivada, despertando cenas cotidianas da infância. Por intermédio das lembranças, a protagonista compreende que, por mais insistente que seja tentar reconstruir o passado, não será possível fazê-lo tal qual. O retorno à terra natal serve para que Ana Paz perceba que a vida seguiu o rumo que deveria ser, nada e ninguém, poderia intervir nesse processo. Com isso, ela consegue aquietar a sua alma e seguir os anos que ainda lhe restam para viver.

A pesquisa em torno da obra *Fazendo Ana Paz*, de Lygia Bojunga foi relevante para os estudos da memória, notadamente, da relação com o espaço, por expor a capacidade que o texto literário exprime ao relacionar duas importantes categorias de análise. Além disso, permitiu entender aspectos que giram em torno das características da literatura contemporânea ambientadas pela perspectiva memorialística.

Contudo, o estudo desenvolvido a partir da abordagem entre memória e espaço, serve de apoio para futuras produções no âmbito acadêmico, que depreendam da mesma conjuntura investigativa. Os resultados obtidos com a pesquisa demonstram que a literatura contemporânea oferece um terreno fértil para a análise literária, esboçando o seu papel dinâmico e inovador.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. – 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. – (Coleção Os pensadores).

ANDO, Marta Yumi. **Fazendo retratos e experimentos: a performance da linguagem em Lygia Bojunga**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2011.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. – 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. – (Coleção Tópicos).

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Tradução de Paulo Neves. – 2. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999. – (Coleção tópicos).

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Tradução de Álvaro Cabral. – Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BOJUNGA, Lygia. **Paisagem**. – 6 ed. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.

_____. **Nós três**. – 4. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2005.

_____. **Livro – um encontro**. – 6. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2007.

_____. **Seis vezes Lucas**. – 4. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2009.

_____. **O abraço**. – 6. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2010.

_____. **Corda bamba**. – 24. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2011.

_____. **A Bolsa Amarela**. – 35. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2017.

_____. **Fazendo Ana Paz**. – 7. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2018.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, Luís Alberto. **Teorias do espaço literário**. São Paulo: Perspectiva, Belo Horizonte: FAPEMIG, 2013.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**. São Paulo: EDUSP, 1995.

DALCASTAGNÉ, Regina; AZEVEDO, Luciene. **Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Zouk, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1991.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. – 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: história e histórias. – 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

LUIZ, Fernando Teixeira; FEBA, Berta Lucia Tagliari. **Poéticas em debate**: Monteiro Lobato (1882-1948) e Lygia Bojunga (1932-). Via Atlântica, n. 26, p. 149-165, 4 nov. 2014.

MOISÉS, Maussad. **A análise literária**. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

PELLEGRINI, Tânia. **Ficção brasileira contemporânea: ainda a censura?** Acta Scientiarum. Maringá, p. 79-86, 2001.

_____. **Realismo: postura e método**. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 137-155, dez. 2007.

ROSARIO, Cláudia Cerqueira do. **O lugar mítico da memória**. Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas – Ano 01, número 01, 2002.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

STEINLE, Marлизete Cristina Bonafini. **Literatura infantojuvenil**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S. A., 2015.

TUAN, Yu-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

YURGEL, Patrícia. **Lygia Bojunga e a trilogia do livro: processo criativo e relações com o leitor**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.